

# EDY ISAÍAS:

## Uma história no jornalismo passofundense



*Fabiola Formigheri Frosi*

2ª Edição  
Corrigida e Ampliada

Projeto  
Passo Fundo  
Apóio à cultura

(Pags. 2 e 3)

pag. 4

**O texto que o leitor tem em mãos foi, inicialmente, fruto da pesquisa que me ajudou a concluir a graduação em Jornalismo, pela Universidade de Passo Fundo (UPF), há 10 anos. Entretanto, desde aquela época, este projeto foi mais do que uma obrigação acadêmica. Como amante da História, sempre considerei a enorme importância de se desvendar e registrar o passado. Como pesquisadora, que me tornei durante a faculdade, percebi a escassez de registros sobre a História do Jornalismo no município de Passo Fundo e nesta região do Rio Grande do Sul. Estes foram os fatores que, primeiramente, me levaram a esse personagem único. Entretanto, ao longo do trabalho, quando encontrei uma família e uma comunidade para os quais esse homem, alvo de minha pesquisa, ainda é um ícone e um exemplo, então entendi que a divulgação desta biografia seria uma dívida que deveria ser paga, um dia.**

Fabíola Formigheri Frosi



**Edy Isaías:  
Uma história no jornalismo  
passofundense**



Projeto  
**Passo Fundo**  
Apoio à cultura

2015



Fabíola Formigheri Frosi

**Edy Isaías:**  
**Uma história no jornalismo**  
**passofundense**

Passo Fundo  
Projeto Passo Fundo  
2015

Projeto Passo Fundo

Página na internet: [www.projetopassofundo.com.br](http://www.projetopassofundo.com.br)

e-mail para contato: [projetopassofundo@gmail.com](mailto:projetopassofundo@gmail.com)

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

**[Creative Commons Atribuição-CompartilhaIgual 3,0 Nao Adaptada.](#)**

Para ver uma cópia desta licença, visite:

[creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt\\_BR](http://creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt_BR) ou envie um cartão para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, Califórnia, 94041, USA.

Corrigido pela Autora: 23/06/2016

---

I74f Frosi, Fabíola Formigheri

Edy Isaías [recurso eletrônico] : uma história no jornalismo passofundense / Fabíola Formigheri Frosi. – Passo Fundo : Projeto Passo Fundo, 2015.

746 Kb ; PDF.

ISBN 978-85-8326-113-1

Modo de acesso: World Wide Web: <<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Jornalismo – História – Passo Fundo (RS). 2. Isaías, Edy – Jornalista. I. Título.

CDU: 070(091)  
929

---

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

# Sumário

PREFÁCIO	7
Um Resgate Significativo	9
APRESENTAÇÃO	11
A HISTÓRIA DE UMA VIDA	15
O EXPRESSO	24
Primeira Fase	24
Segunda Fase	35
Terceira Fase	37
O CURSO DE REDATOR AUXILIAR	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS	60
REFERÊNCIAS	61
RELATOS ORAIS ATRAVÉS DE ENTREVISTA	62
ANEXOS/ENTREVISTAS	63
ARGEU SANTARÉM	63
MEIRELLES DUARTE	68
ACÁCIO SILVA	72
OSMAR GIAROLLO	78
SANTINA DAL PAZ	85
M <sup>a</sup> DE LURDES ISAÍAS	91
M <sup>a</sup> DE LOURDES ISAÍAS DA CRUZ	100





## PREFÁCIO

Existem pessoas com densidade histórica. Suas biografias condensam particularidades e expressam processos das sociedades em que estiveram inseridas. Este é o caso de Edy Isaías, jornalista, professor. Sua trajetória pessoal e familiar alargam horizontes para a compreensão de Passo Fundo e a região, em um arco cronológico que abrange do século XIX aos nossos dias. Filho de militar, Edy Isaías é o longo tempo de inserção e pertencimento dos negros no Planalto Médio. Nele se adensou a herança centenária da etnia, da inserção possível dos afrodescendentes na sociedade rio-grandense, com suas tensões raciais, o combate às barreiras intolerantes e a defesa do espírito mestiço na conciliação da brasilidade.

No Brasil, o Exército Nacional foi uma plataforma importante para a ascensão de afrodescendentes. Assim ocorreu com Eduardo Isaías, pai de Edy Isaías. Ao “sentar praça” durante a República Velha viu a possibilidade de “engajar-se” e fazer carreira. Homem notável, leu a vida quase como um antropólogo, ao perceber que a cultura constitui o maior capital humano. E inculuiu nos filhos esta premissa. Assim, Edy Isaías teve no paradigma do estudo, do conhecimento, e na consciência de sua condição de negro como parte essencial da brasilidade, a pauta principal de sua existência, além de um senso familiar notável. É o que podemos definir como um indivíduo, com percepção de seu lugar histórico.

Isto o levou a escolher o jornalismo e o magistério, além da militância étnica, da cultura popular, para inserir-se socialmente. Ele se faz e criou condições para que os outros também se construíssem como indivíduos. Formou-se jornalista na PUCRS, assumindo o pioneirismo acadêmico da profissão em Passo Fundo, diplomou-se em Filosofia, ministrou aulas de Francês. E, como desbravador, instituiu o curso profissionalizante de Redator Auxiliar, no Colégio Cecy Leite



Costa, o berço de muitos comunicadores ainda em atividade. Mas, como todo sonhador, também teve calvário: manter, com enormes dificuldades e ousadia, o jornal O Expresso.

Parte desta vida notável, o público conhece agora pela publicação do trabalho mais que oportuno de Fabíola Formigheri Frosi. A história de um homem que soube se mover entre suas heranças afrodescendentes, a formação intelectual, a educação, a cultura, e a defesa da liberdade durante uma ditadura militar.

**Tau Golin**

Jornalista e historiador



## Um Resgate Significativo

A presente obra, autoria de Fabíola Formigheri Frosi, preenche mais uma das tantas lacunas na História de Passo Fundo. A figura de Edy Isaías possui muitas facetas, todas elas importantes e significativas para a construção da História Passo-fundense.

Sendo foco do trabalho a História do Jornalismo Passo-fundense a Autora, baseada em pesquisa e com habilidade, dá ênfase à trajetória do jornalista Edy Isaías, o primeiro Bacharel em Jornalismo a exercer a profissão em Passo Fundo, lugar onde todos os jornalistas, sem exceções, eram “rábulas”, isto é, “práticos”, autodidatas sem formação acadêmica. Aliás, era um tempo em que ainda muitos profissionais liberais de várias áreas eram “práticos licenciados” ou apenas “rábulas”. Edy inaugurou a galeria dos jornalistas passo-fundenses diplomados. Também foi o pioneiro no ensino de Jornalismo em Passo Fundo.

Ao tratar da biografia, Fabíola nota ser Edy membro de uma das mais antigas famílias passo-fundenses. A atual família Isaías é originária de Generoso e Izaias, descendentes de escravos do Alferes Bernardo Castanho da Rocha, vindos para Passo Fundo a partir do ano de 1828. Em 1864, quando iniciou-se no município o recrutamento do 9º Esquadrão para a campanha militar no Uruguai, ou em 1865, quando do recrutamento do 5º e do 8º Esquadrão para ir lutar no Paraguai, o Alferes Castanho da Rocha alforriou dois de seus cerca de vinte escravos para alistarem-se na condição de “voluntários”. Era a forma usada pelos proprietários para livrar-se a si e/ou aos seus filhos de serem obrigados a irem para a guerra. Os brancos ficavam na “paz” e mandavam os negros para guerra. Generoso, pai, e Izaias, filho, tal qual milhares de negros alforriados, foram pelear pelo Império. Sobreviveram. Ao regressarem ao Pinheiro Torto, para manterem-se, tornaram-se empregados “livres” do Alferes. Tendo trazido uma estátua missioneira em madeira



representando o Arcanjo São Miguel (para os afrodescendentes Ogum, o deus da guerra), obtiveram a permissão do patrão e dono da terra para a edificar o oratório, origem da atual Capela de São Miguel do Pinheiro Torto. Edy é tetraneto de Generoso e trineto de Izaias.

Outra faceta é a atuação cultural, social e política. Edy foi membro da Academia Passo-Fundense de Letras, foi um grande animador, inclusive presidente por mais de um mandato, do Clube Visconde do Rio Branco. O Carnaval passo-fundense muito deve ao Edy. Sua militância político-partidária chegou ao ápice com a candidatura a Suplente de Senador pelo PDT.

Merece especial destaque haver Edy Isaías sempre assumido sua condição de negro. Assim pode-se afirmar que Edy foi o primeiro jornalista passo-fundense assumidamente negro. É até hoje o único negro aceito como membro da Academia Passo-Fundense de Letras. Pelo seu exemplo de vida e pela sua liderança Edy foi um dos mais destacados integrantes da comunidade afrodescendente em Passo Fundo.

A demais das qualidades do texto Fabíola merece aplauso por trazer a público uma parte da história de um cidadão que muito contribuiu com sua Terra, a qual contou com o labor de seus ancestrais desde a fundação da cidade faz quase 180 anos.

**Ney Eduardo Possapp d'Avila**

Mestre em História

## APRESENTAÇÃO

O texto que o leitor tem em mãos foi, inicialmente, fruto da pesquisa que me ajudou a concluir a graduação em Jornalismo, pela Universidade de Passo Fundo (UPF), há 11 anos. Entretanto, desde aquela época, este projeto foi mais do que uma obrigação acadêmica. Como amante da História, sempre considerei a enorme importância de se desvendar e registrar o passado. Como pesquisadora, que me tornei durante a faculdade, percebi a escassez de registros sobre a História do Jornalismo no município de Passo Fundo e nesta região do Rio Grande do Sul. Estes foram os fatores que, primeiramente, me levaram a esse personagem único. Entretanto, ao longo do trabalho, quando encontrei uma família e uma comunidade para os quais esse homem, alvo de minha pesquisa, ainda é um ícone e um exemplo, então entendi que a divulgação desta biografia seria uma dívida que deveria ser paga, um dia.

É pela família Isaías, pela comunidade negra de Passo Fundo, na qual ela sempre esteve engajada e, sobretudo, em memória de Edy Isaías, que estou satisfeita e grata pela oportunidade de publicar este material, ainda que com uma década de atraso.

Lá atrás, quando me perguntei: “Quem fez a História do Jornalismo em Passo Fundo?”. Não houve nenhum nome que me parecesse mais relevante que este: Edy Isaías.

Por quê? As razões foram muitas para escolhê-lo. Ele foi o primeiro jornalista com formação acadêmica em Passo Fundo e só isso já seria uma ótima razão para torná-lo alvo de uma pesquisa. Em uma época em que os jornalistas eram forjados na prática das redações, ele buscou qualificar-se e tornou-se o primeiro a possuir um diploma universitário de jornalista, ainda no final da década de 50. Além disso, sua origem chama a atenção: Era negro.



Não bastassem essas duas características, que já o tornam, no mínimo, uma figura do jornalismo local digna de observação mais detalhada, ele ainda concentra em sua trajetória outros fatos marcantes: Não trabalhou nos veículos de comunicação tradicionais da cidade, pelo contrário, fundou e editou um jornal no mínimo “diferente” para os moldes da época e o manteve com paixão. E, acima de tudo, foi um pioneiro na formação de outros profissionais da área, o principal fundador do primeiro curso de formação profissionalizante na área de comunicação, em Passo Fundo, muitos anos antes dos cursos de Comunicação Social da UPF chegarem para preencher a lacuna da formação acadêmica. Através deste extinto curso técnico de nível médio, chamado de Redator Auxiliar, deu uma de suas mais importantes contribuições para o Jornalismo local: Foi responsável pelo descobrimento, formação e ascensão de importantes profissionais de comunicação em nossa região.

Por tudo isso, tratava-se de uma figura digna de ser investigada e de uma trajetória que carecia ser registrada e contada. O que se apresenta é uma sucinta biografia com foco maior nos aspectos profissionais ligados ao Jornalismo.

É um trabalho mais extenso do que profundo. Ou seja, procura abranger toda a vida deste jornalista, parando em apenas alguns pontos para um pequeno aprofundamento, que não visa esgotar os temas. Trabalhos posteriores poderão explorar e aprofundar cada um deles.

São três capítulos que apresentam, sucessivamente, sua história de vida geral, o jornal O Expresso e o curso de Redator Auxiliar, na Escola Cecy Leite Costa. Apesar de ainda manter traços do padrão textual de artigo acadêmico, não deixa de ser uma biografia de leitura atraente.

Para a realização da pesquisa que deu origem a este livro, utilizamos a história oral. Captamos entrevistas, que foram transcritas e utilizadas em partes, ao longo do texto. O leitor



as encontrará anexadas, na íntegra, ao final da obra. Também fizemos análises de alguns documentos, jornais e fotografias, os quais nos pareciam importantes para complementar e confirmar as informações obtidas através das fontes orais. Estas foram escolhidas de modo a obter uma visão global do jornalista investigado. Foram ouvidos familiares e colegas (professores e jornalistas), funcionários e ex-alunos, que conviveram com Edy Isaías em alguma etapa de sua vida – ou em toda ela.

Devo agradecer aqui, ainda, ao professor Ney Possap D'Ávila, pela importante e voluntária ajuda, ao ser destacado, inicialmente, pelo Projeto Passo Fundo, para me apoiar na revisão e edição para esta versão impressa. Após mais de uma década da pesquisa inicial, foi de extrema relevância reavaliar e atualizar o texto.

Com vocês: Edy Isaías! Homem, negro, jornalista e professor.





## A HISTÓRIA DE UMA VIDA

A família Isaías é considerada uma das fundadoras da cidade de Passo Fundo, pois seus antepassados estavam entre os primeiros negros escravos que aqui chegaram. O pesquisador da História Regional, Ney Possap D'Ávila, acredita que os ascendentes da família Isaías foram Generoso e Izaías, pai e filho, escravos do Alferes Bernardo Castanho da Rocha, residentes da localidade do Pinheiro Torto, trazidos da Comarca de Curitiba, Província de São Paulo, possivelmente no ano de 1828<sup>1</sup>. Ambos estavam entre as “doações” feitas pelo Alferes para o exército brasileiro durante a guerra contra o Paraguai. Alforriados para tal, participaram da guerra como “homens livres e voluntários” e, ao sobreviverem, retornaram para trabalhar para o antigo senhor. O historiador passo-fundense Antonino Xavier, em sua obra datada de 1932, conta a respeito do retorno desses dois negros ao Pinheiro Torto, após a guerra, e de como encontraram, no caminho, a estátua do Arcanjo São Miguel, que acabou motivando os ex-escravos à construção da Capela de São Miguel, naquela localidade. Obviamente, a alforria garantida com a guerra, iniciou uma pequena e lenta inclusão social da família.

Uma grande contribuição nesta ascensão dos Isaías veio de Eduardo Isaías, pai de Edy. Vindo de uma família pobre e sem muito estudo, aproveitou a oportunidade de ingressar no exército brasileiro na época da Revolução de 30 e fez carreira em cima de “bravuras de guerra”, que lhe garantiram postos superiores, reformando-se no cargo de Capitão.

Eduardo Isaías casou-se duas vezes. No primeiro

---

1 A Fazenda Nossa Senhora da Conceição Aparecida, que deu origem à cidade de Passo Fundo, foi fundada em 1827, pelo cabo José Manuel das Neves. O povoado formado entre a sede da fazenda e o Pinheiro Torto veio a se tornar Vila em 1857.



casamento, do qual ficou viúvo, teve três filhas: Zuza, Sebastiana e Tereza e, no segundo, com D. Jandira, mais três. A primeira, uma menina, chamada Maria de Lourdes, depois, o primeiro menino, Edy e, por fim outro menino que acabou falecendo aos quatro anos de idade. Isso tornou Edy o único filho homem desse militar, numa família de quatro irmãs mais velhas do que ele.

Desde que eram crianças, seu Eduardo costumava conversar com os filhos e aconselhá-los a estudar. Dizia: “pro negro tudo é mais difícil! Então,



*Figura 1 - Eduardo e Jandira Isaías com os filhos. Edy no colo da mãe*

se o branco estuda X, o negro tem que estudar Y, tem que ir adiante, senão não consegue nada”. Apesar disso, nunca discriminava um branco, muito menos propagava o ódio racial, prova disso era que os filhos sempre puderam ter amigos de “todas as cores”, contanto que fossem “boas companhias”. Para o seu Eduardo, a maior herança que poderia deixar aos filhos era a cultura. Insistia que eles estudassem e se destacassem cultural e socialmente, praticando “boas ações”. Ele acreditava que a

ascensão dos negros viria através do seu destaque cultural.

Edy Isaías, nascido em Passo Fundo, em 16 de setembro de 1933, permaneceu aqui até o início da adolescência, quando toda a família se mudou para Carazinho (cidade vizinha), onde o pai assumiu a chefia da Secção de Recrutamento Militar.

Lá, a irmã se lembra de terem, pela primeira vez, sentido algum tipo de discriminação, principalmente nas escolas em



que estudaram – onde foram os primeiros alunos negros – mas logo se adaptaram e adquiriram o respeito da comunidade. Edy estudou, primeiramente, no Grupo Escolar Princesa Izabel, onde concluiu o Primário e, posteriormente, no Ginásio La Salle. Nesta mesma época começou a se interessar por leitura, talvez porque não tivesse a companhia de novos amigos, ainda. Os livros tornaram-se seus amigos. Ia até a Biblioteca e devorava todos, “principalmente os de Monteiro Lobato”, lembra a irmã. Costumava reunir a família e contar as histórias que lia nos livros. Depois, também ingressou no escotismo, pelo qual acabou apaixonado. Mais tarde, em Passo Fundo, acabou ajudando a fundar um grupo: “Escoteiros do Ar Salgado Filho”, em homenagem a um dos heróis da aeronáutica brasileira. Segundo a irmã, seu nome nesse grupo era “chefe águia” ou, possivelmente, fosse “chefe guia”, ou seja, o comandante.

Apesar de sua inteligência ser considerada excepcional, mesmo pelos professores, não gostava muito de estudar e suas notas, durante todo o período escolar, provam isso. Nunca foi o “primeiro da turma”, estudava para passar de ano. Mas a leitura era uma paixão que aumentava. E, também, o cinema. Não perdia as matinês em Carazinho. A irmã conta que, uma vez, ele até inventou uma “máquina de projeção” utilizando um binóculo velho do pai e uma lâmpada. Ele desenhava figuras de faroeste em papel vegetal e narrava seus “filmes” para toda a família durante a noite, projetando os desenhos na parede. O pai se orgulhava, mas seu sonho era que Edy seguisse a carreira militar e estudasse, um dia, na Academia de Agulhas Negras<sup>2</sup>, no Rio de Janeiro. Já a mãe, D. Jandira, queria ver o filho médico.

A família voltou para Passo Fundo, onde Edy concluiu os estudos como interno no Instituto Educacional (IE) e foi prestar serviço militar obrigatório em Uruguaiana, onde fez o curso de Cabo. Com esta graduação, obteve a remoção para Passo Fundo, dando baixa (apto à promoção a terceiro-sargento) no

2 A Academia Militar de Agulhas Negras, localizada em Resende-RJ. É a escola de formação de Oficiais do Exército Brasileiro.



final de agosto de 1953, para estudar em Porto Alegre. Apesar de não ser o que o seu pai queria, recebeu todo o apoio de que precisou, inclusive financeiro.

Mudou-se com o amigo João Carlos Condine, que costumava chamar de “meu irmão branco”, para a capital a fim de frequentar um curso preparatório para o vestibular – na época, de Medicina, bem ao gosto da mãe. Foi nesta época que decidiu cursar Jornalismo. Quando voltou para ver os pais, contou que não havia passado em Medicina, porque decidira mudar de opção. A reação dos pais foi de surpresa e, mais uma vez, apoio ao filho. Na época, porém, o pai tentou alertá-lo: “Olha, Jornalismo, depois tem que ser dono de jornal, tem que ter dinheiro e nós não temos, a gente é pobre, nós não podemos”. Mas ele amava as palavras, o texto, os livros, a comunicação escrita. Preferiu ser “médico das letras”, lembra a esposa. Havia passado no exame vestibular da Pontifícia Universidade Católica do RS, no início do ano de 1955, sendo aprovado nas provas escritas e orais.

O curso de Jornalismo da PUC foi o primeiro da região sul e um dos primeiros do Brasil. Até o início da década de 50 existiam, no país, apenas dois: um na Escola Cásper Libero, mantida pela Fundação Gazeta de São Paulo, desde 1947 e outro na Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro, desde 1948. No ano de 1951, a Associação Riograndense de Imprensa, o Sindicato dos Jornalistas e as empresas jornalísticas pressionaram a Pontifícia Universidade Católica, em Porto Alegre, para que criasse o curso “que daria mais cultura aos profissionais da imprensa” (DORNELLES, 2002, p. 14). Foi assim que, em março de 1952 começaram as aulas com os 64 alunos aprovados naquele verão. O curso funcionou, nos primeiros anos, sob a coordenação da Faculdade de Filosofia. A primeira turma se formou em dezembro de 1954, com 47 bacharéis em Jornalismo. Em entrevista a Beatriz Dornelles, o ex-aluno e diretor do curso, Antoninho Gonzalez, contou que, nas duas primeiras turmas, muitos “profissionais



reconhecidos no mercado jornalístico matricularam-se para prestigiar o Curso e incentivar os colegas a buscarem mais cultura geral, mais conhecimentos científicos sobre a arte de escrever para a imprensa dentro da ética pessoal e social”.

Os professores nestas primeiras turmas eram das áreas jurídica, econômica ou das humanas e as disciplinas estavam de acordo com o que pedia o mercado na época: “mais cultura” e não tanto técnica jornalística. O currículo contava com as seguintes disciplinas: Técnica de Jornal, Ética, História e Legislação da Imprensa, Administração de Jornal, História da Civilização, Língua Portuguesa, Geografia Humana, Literatura, Publicidade, História do Brasil, História Contemporânea, Geografia do Brasil, Dogma, Radiojornalismo, Sociologia, Economia Política, Política, Administração Pública e Apologética. Tudo isso em três anos.

Edy ingressou nas primeiras turmas do curso da PUC, formando-se três anos depois. Segundo a data de seu diploma, o título de Bacharel em Jornalismo lhe foi conferido em 15 de abril de 1959 e recebido oficialmente em março de 1960.



Figura 2 Formatura na PUC -  
Fonte: *Jornal O Expresso*, 2001.

Durante o tempo em que esteve em Porto Alegre, Edy trabalhou como estagiário e foca (jornalista iniciante) em jornais da capital. Neste período, sempre que podia vinha ver a família e nestas vindas de fim de ano encontrava uma conhecida desde a infância: Maria de Lurdes Campos. Apesar de ser de uma família passo-fundense, ela nasceu e vivia em Santa Maria, por conta do trabalho do pai como funcionário da Viação Férrea, mas sempre estava em Passo Fundo nas férias



de verão. As duas famílias eram amigas, frequentavam o Clube Visconde do Rio Branco – uma sociedade negra, fundada desde 1916, onde aconteciam festas e outros eventos culturais. Antes de Edy terminar a faculdade, eles começaram a namorar.

Edy e Maria de Lurdes voltaram para Passo Fundo a fim de casarem, em 1959. O primeiro filho do casal, Edy Isaías Júnior, nasceu em 1960; a segunda, Eduarda Maria Isaías, nasceu dois anos depois e o terceiro, Francisco Isaías, nasceu em 1965. Depois destes, o casal ainda adotou mais um filho, Luís Antônio Araújo.

Ao retornar a Passo Fundo cursou, também, a Faculdade de Filosofia, que funcionava no prédio do Colégio Conceição. Em 1961 foi diplomado Bacharel e, em 1963, Licenciado pela recém-criada Universidade de Passo Fundo - UPF. Agora poderia ingressar no magistério público estadual, onde começou lecionando Francês, na cidade de Erechim (mais ao norte do estado). Em seguida, conseguiu sua transferência para Marau, na Escola Estadual São Tomás de Aquino. Nesta época, viajava para dar suas aulas.



*Figura 3 Edy e M<sup>a</sup> de Lurdes (out/59) Esperavam o primeiro filho.*

*Fonte: Arquivo de Família*

Mesmo não estando totalmente fixo em Passo Fundo, fundou O EXPRESSO JORNAL, em novembro de 1961. Sobre esse periódico trataremos mais profundamente num capítulo posterior.

Grande parte de sua vida profissional foi mesmo “escrita” no magistério, exercido em um dos grandes colégios estaduais de Passo Fundo chamado Cecy Leite Costa, posteriormente Instituto. Chegou em abril de 1966, “emprestado” do



colégio de Marau – finalmente se fixaria em Passo Fundo – e permaneceria ali até se aposentar, em março de 1988. Nesses vinte e dois anos no Cecy, foi um dos responsáveis pela criação de um curso inédito na região, que acabou por unir suas duas paixões – o jornalismo e o magistério<sup>3</sup>.

Nesse tempo todo, só se desligou do Cecy num período de seis meses, de março a setembro de 1985, quando trabalhou na Secretaria Municipal de Educação e Cultura. Seu trabalho junto à política municipal esteve ligado, principalmente, a eventos culturais da cidade, como o Carnaval de Rua, do qual ele foi um dos maiores incentivadores e organizadores. O advogado e jornalista Meirelles Duarte conta que “ele estimulou muito o carnaval de rua... Ele estimulava, conclamava, ia pras rádios congregar. E a cidade nunca deu muita importância”. Segundo a Secretaria de Turismo, Cultura e Desporto (SETUR), mesmo antes de ter trabalhado na Secretaria de Cultura, ainda na década de 70, Edy e a comunidade negra, através do Clube Visconde do Rio Branco, já organizavam blocos carnavalescos, que acabaram retomando o carnaval de rua de Passo Fundo. Dentre as memórias que Edy deixou escritas (ainda inéditas no momento de publicação deste trabalho), estão muitas sobre esses blocos, organizados pela comunidade negra passo-fundense, e que já eram muito ativos e famosos nas décadas de 30 e 40, antes de seu nascimento e durante a sua infância.

Edy sempre foi atuante no movimento negro. Assumiu a presidência do Clube Visconde do Rio Branco por diversas vezes e nele permaneceu em cargos de diretoria por 47 anos. Era presidente no ano em que faleceu e tentava fazer renascer o Clube. Foi, ainda, o fundador do Grupo Zumbi dos Palmares (posteriormente desativado), um grupo folclórico de estudo e pesquisa da tradição afro-brasileira, que se apresentava através de danças e teatros com o objetivo de resgatar e divulgar a

---

3 O curso de REDATOR AUXILIAR, do qual trataremos em outro capítulo especial desta biografia.



cultura negra. Acreditava que o enfoque cultural era o futuro para a subsistência do Clube Visconde.

Edy Isaías foi filiado e atuante no Partido Democrático Trabalhista (PDT). Integrava o Diretório Municipal desde 1986 e, em 95, até concorreu, como suplente, a uma das vagas para Senador da República por esse partido. Segundo informações do Diretório, em 2000, quando seu filho Francisco foi Secretário Municipal da Saúde, pelo PMDB, Edy e a esposa se desfiliam. Logo depois, o jornalista faleceu e, mais tarde, a esposa voltou a filiar-se. Ela concorreu, anos depois, ao cargo de vereadora por este partido.

Por sua posição como jornalista, professor, cidadão e líder negro em Passo Fundo, foi homenageado, em 1986, com a Medalha de Grau Mérito “Fagundes dos Reis”, pela Câmara Legislativa Municipal.

Durante os últimos anos de sua vida esteve pesquisando e registrando a história de Passo Fundo, sobretudo suas memórias dos “causos” do povo e da comunidade negra que se organizava em torno do Clube Visconde do Rio Branco. Esse material, parte manuscrito e ilustrado pelo próprio Edy, foi examinado para esta pesquisa e está em poder da família Isaías, esperando para ser publicado.

Na Academia Passo-fundense de Letras, Edy Isaías ocupou, a partir de 1987, a cadeira nº 30, cujo patrono é Machado de Assis.

No dia 15 de agosto de 2001, Edy veio a falecer. Sua morte foi uma surpresa para a família, apesar da diabetes que o acompanhava há mais de quinze anos. Morreu aos 67 anos, vítima de um aneurisma cerebral, e ainda cheio de sonhos e com grandes satisfações. A maior satisfação: ver seus ex-alunos tendo sucesso na carreira jornalística. O maior sonho: ver O Expresso circulando novamente.



Logo após sua morte, a família e alguns amigos, ex-alunos, reativaram o jornal por alguns meses, mais modernizado tecnicamente, mas sem periodicidade fixa. Entretanto, a publicação, mais uma vez não resistiu.



## O EXPRESSO

Podemos dividir a história do Expresso em três fases: a primeira, quando foi criado, que foi a mais longa – do final de 1961 até 1968; a segunda foi uma tentativa de reedição, com ajuda de alguns alunos do curso de Redator Auxiliar, por volta de 1978 e a terceira, por iniciativa de familiares e amigos, quando Edy faleceu.

### Primeira Fase

Em 5 de novembro de 1961 Edy Isaiás fundou *O Expresso Jornal*, com periodicidade semanal e nome inspirado no vespertino francês “*L’Express*”. A firma jornalística, com o nome “Tipografia Expresso Jornal Ltda”, entretanto, só foi devidamente registrada em 1967, como firma individual de responsabilidade limitada, para exploração de serviços gráficos e edição de periódico.





Figura 4 – Registro da Firma. Fonte: A família



Como Passo Fundo contava, nessa época, com dois grandes jornais diários, o Diário da Manhã (fundado em 1935) e O Nacional (desde 1925), que já eram jornais tradicionais, antigos e consolidados, Edy sabia que tinha que fazer um jornal diferente. Dessa forma, produziu uma linguagem mais simples, interpretativa e acessível e, por isso, acabou atingindo um público de classe social mais baixa. Alguns acreditam que O Expresso foi o primeiro deste gênero em Passo Fundo.

Marcou o início de um jornalismo [...] diferente do que era feito tradicionalmente, onde o povo não tinha muita vez, a não ser nas colunas de polícia. O professor Edy não, ele começou a botar... O povo lá da vila tinha vez. Os jornais daqui só faziam cobertura de Gaúcho e, na época, 14 de julho (nem era Passo Fundo ainda). E ele ia lá fazer a cobertura do futebol amador. O jornal dele tinha bastante venda por quê? Porque tu achas que botando a foto do timizinho lá da vila, de 11 caras, no outro dia não vai estar todo mundo lá comprando o jornal dele, pra ver a foto deles ali no jornal? Então, ele tinha essa visão. Acho que ele marcou uma época! Era um jornal popular. (relato oral de Acácio Silva).

Tinha os dois jornais daqui, que detinham o controle, os dois grandes jornais, Diário da Manhã e O Nacional, que detinham o controle da mídia escrita. Porque eles tinham mais



elementos, já eram muito mais antigos. E o Edy foi um pioneiro numa tentativa de romper esse processo. O jornal dele tinha uma circulação muito resumida e tinha um outro problema grave: [...] ele não conseguia romper, acabar com seu problema financeiro e aumentar o seu jornal. Ele sonhava com isso, que podia amanhã ou depois ter uma máquina, uma linotipo, uma impressora, [...] mas ele era um idealista neste aspecto, porque ele punha o dinheiro do seu salário, que ele ganhava como professor, pra poder circular o jornal e alguma publicidade muito barata, muito pouquinho que ele conseguia angariar. (relato oral de Argeu Santarém).

Visualmente, O Expresso era muito precário, devido à técnica de impressão empregada, que já era ultrapassada, até mesmo para a época. Ele ainda utilizava a prensa de tipos móveis – impressão tipográfica. Além disso, era uma produção totalmente manual e que contava com a participação e ajuda de toda família e uns poucos auxiliares remunerados, alguns ainda adolescentes, como era o caso de Osmar Giarollo, que trabalhou na pequena gráfica improvisada nos fundos da casa dos Isaías, por volta de seus 13 anos de idade.

Os outros jornais já tinham linotipo, mas o Edy Isaías, por não ter recursos financeiros, ainda não. Era tudo feito



a dedo, como se dizia. Trabalhávamos em três e mais ele, que dirigia [...] Eu lembro bem o funcionamento. Ele tinha uma máquina manual, uma máquina que tinha que colocar o papel à mão, pedalar e ela funcionava com correias e prensava onde estavam colocadas as matrizes, pra poder sair o jornal. Era um processo muito lento. Enquanto o Diário da Manhã e O Nacional já possuíam uma máquina semiautomática, que também o papel era colocado à mão, mas era por energia elétrica, eu me lembro que a gente funcionava a máquina no pé e depois tinha uma manivela pra dar mais força quando batia e prensava no papel. Era muito antigo o processo. Tudo manual. (relato oral de Osmar Giarollo).

Na primeira metade dos anos 60, ele iniciou com seu jornal O Expresso, que era um jornalzinho feito numa oficina em sua própria casa, com auxílio de uma ou duas pessoas, era todo na tipografia, não tinha a mínima tecnologia que tem hoje... Era uma tipografia antiga, letra por letra, devia se buscar com uma pinça na caixa de letras pra formar uma frase, depois colocar isso na prensa e da prensa pra



impressora. (Argeu Santarém).

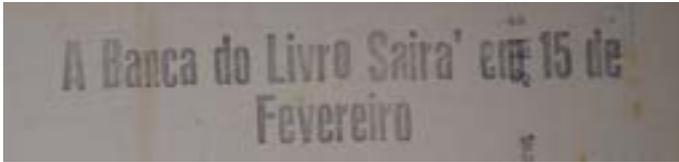


Figura 5 - Edição de O Expresso, 30 jan 1967- ex. de improvisação no acento da palavra “sairá”. Fonte: Arquivo Histórico Regional



Figura 6 Exemplos de clichês (na época, eram feitos de madeira).



Figura 7 Exemplos de tipos móveis.

Além disso, o material era comprado de segunda mão e, geralmente, já estava muito velho e gasto. A própria impressora e os tipos (letras) eram velhos e, às vezes, até insuficientes para montar os textos. Prova disso é que, a edição do Expresso, de 30 de janeiro de 1967, que encontra-se no Arquivo Histórico Regional, apresenta uma completa mistura de tipos de letras ou improvisos, como o uso de “0” (zero) no lugar da letra “o” ou vírgulas invertidas e apóstrofes usadas como acentos. O depoimento de Giarollo comprova isso: “... nós tínhamos falta de letras, então, em textos em que ia bastante acento ou faltavam letras, a gente improvisava”.





Figura 8 Fonte: AHR



Figura 9 Página da Seção de Esportes, 30 jan 1967 - Fonte: AHR.



Na primeira fase, ainda não se utilizavam fotos,

apenas clichês – desenhos que padronizavam seções, editoriais e colunas. As manchetes do Expresso eram em tamanho bastante grande e, às vezes, “apelativas” ou com certo humor.

Edy assinava uma coluna chamada Palestra Informal, que era uma espécie de editorial do Expresso onde o jornalista “manifestava de forma sempre contundente a opinião média sobre os assuntos mais momentosos” (O EXPRESSO, 2001).

Essa primeira fase se entendeu, também, por um período difícil da História Brasileira, em que os meios de comunicação foram censurados: o período de Ditadura Militar. Edy era a favor da liberdade de imprensa e da democracia e expressava sua opinião nas rodas de amigos e até mesmo em sala de aula, mas, como dono de jornal, procurava manter-se isento, o que lhe custou algumas críticas por parte de colegas, na época.

É, era uma época difícil, mas o Edy, realmente, ele era oficialista. Ele tinha muito receio de criticar o governo no jornal, embora, particularmente, ele manifestasse sua opinião contra o regime. Mas daí à sua posição como dono do jornal era totalmente diferente. Apesar que, diga-se de passagem, os demais jornais daqui também tinham muita preocupação, os jornais grandes, não era só o Edy. Embora os jornais grandes tivessem uma autonomia maior, tinham mais poder político, mais poder de fogo pra poder criticar algumas coisas, principalmente as coisas que ocorriam aqui



dentro das nossas barbas, como a gente dizia.  
(Argeu Santarém).

“Ele sempre foi contra a ditadura e sempre criticava, principalmente a censura à imprensa [...] ele sempre foi um cara democrático, sempre condenou essa questão da ditadura”.  
(Acácio Silva).

Meirelles Duarte concorda que Isaías era ponderado quanto ao posicionamento político no jornal: “O jornal não tinha tendência política nenhuma. Era de livre circulação e dava as notícias [...] Tinha um princípio de não atacar ninguém, de não criticar ninguém, nem os governantes do município. Uma postura muito decente, muito correta”.

Para Argeu Santarém:

Essa posição do Edy não surpreende, porque a época era muito difícil, realmente era uma época muito difícil... o Edy já não era um jovem estudante, um jovem recém-formado. Ele já era um homem calejado, já tinha família, tinha dificuldade de sustentar o jornal. Era funcionário público e poderia perder até o seu título de professor, porque naquele tempo ninguém perdoava ninguém. (relato oral).

Um das reportagens desta fase, que causou maior repercussão, foi a cobertura de um dos atritos ocorridos entre trabalhadores sem terra e grandes proprietários, que aconteceu no município de Nonoai (próximo a Passo Fundo),



em 1964, poucos dias antes do golpe militar.

No começo da década de 60 a região de Nonoai e Sarandi foi palco de inúmeras ocupações de terras feitas pelo MASTER (Movimento dos Agricultores Sem Terra), que era apoiada pelo então Prefeito de Nonoai, Jair de Moura Calixto, do velho PTB [...] Calixto, posteriormente foi conduzido para a SUPRA<sup>4</sup>, no governo de João Goulart (PTB) quando a luta pela reforma agrária expandia-se por todo país. Em março de 64, inúmeras escaramuças verificaram-se na região de Nonoai entre os sem terras apoiados por Calixto e grandes fazendeiros, ocasião em que o professor Edy, numa velha [caminhonete] Rural, foi conferir de perto o que estava acontecendo naquela região. (O EXPRESSO, 2001).

Segundo a edição especial do Expresso de 2001, naquela época, Edy Isaías conseguiu entrevistar com exclusividade o líder da SUPRA. Alguns dias depois, porém, quando aconteceu o Golpe Militar, o jornalista teve que dar explicações às autoridades militares locais sobre a entrevista realizada em Nonoai. “Naquela época, dizia o professor Isaías, qualquer jornalista, fosse brizolista ou não, era considerado suspeito pelo regime militar. No entanto, ‘fiz o meu trabalho de jornalista,

<sup>4</sup> Superintendência da Política de Reforma Agrária, que promoveu a desapropriação de terras no governo Jango. Por alguns, foi considerada uma “entidade comunista”.



pois O Expresso sempre teve o compromisso com a verdade acima de tudo.” (O EXPRESSO, 2001).

Em 1968 o jornal parou de circular, mas, apesar de se tratar da época do endurecimento da ditadura, o motivo principal que levou ao seu fechamento foi mesmo a questão financeira, como lembra Acácio Silva: “...ele sempre contava pra gente que o jornal tinha terminado mesmo por falta de recursos. Não teve como tocar, parou e passou o resto da vida dele sempre tentando voltar”.

Não foi, na verdade, um fim. Para Edy era só um tempo, por isso continuou lutando para colocar O Expresso de volta em circulação. Tanto que, em novembro de 1969, registrou a marca “O EXPRESSO JORNAL”, como sua propriedade.

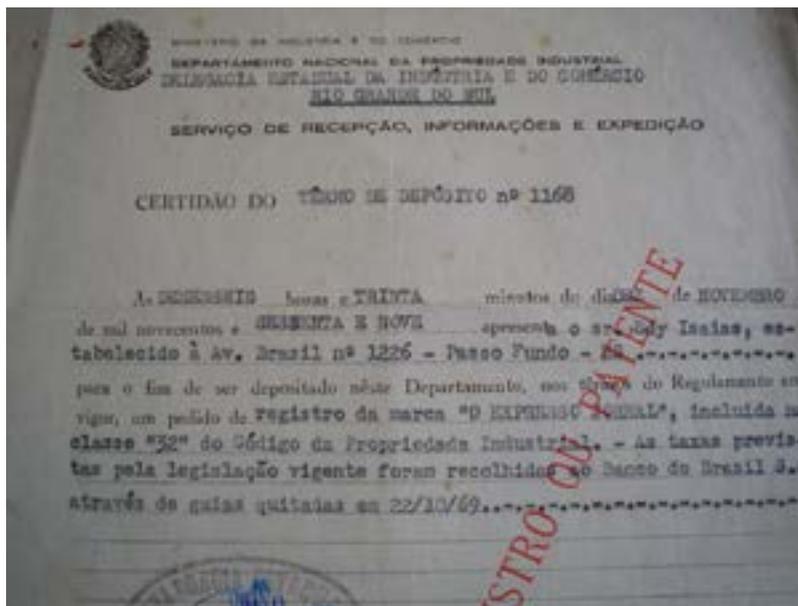


Figura 10 – Registro da marca. Fonte: Acervo da família.



## Segunda Fase

O sonho de ver o jornal sendo editado novamente se concretizou em maio de 1978, dez anos depois de ter saído de circulação. Dessa vez, contou com a ajuda de alunos do curso de Redator Auxiliar, do Colégio Cecy (que abordaremos no próximo capítulo). Foi uma ressurreição muito curta, que durou menos de dois anos (entre 78 e 80).

Nessa época tinha até uma equipe boa de estudantes lá, prontos pra ajudar. Mas daí não tinha condições... o maquinário não ajudava. Até ele comprou uma máquina, uma impressora plana, mas era de 1945, do tempo da 2ª Guerra. Chegou aqui e não deu, não funcionou. Ah, quando chegou a máquina nós ficamos todos entusiasmados 'bah, chegou a máquina!'. Mas daí não deu, não deu pra tirar [...] Fomos todos na oficina dele, aqui, mas daí a máquina não deu... daí nós fomos tirar em [...] Carazinho. Ficamos lá dois dias trabalhando direto numa graficazinha, só comendo sanduíche e água pra tirar o jornalzinho, o primeiro que nós tiramos nessa etapa com os alunos. (Acácio Silva).



A família tem um número desta fase, que provavelmente fosse considerado o zero ou apenas uma propaganda do retorno do Expresso. São quatro páginas em formato tabloide, em papel jornal, com fotos e ilustrações muito precárias, inclusive com algumas feitas à mão. Uma novidade é a cor (verde) na capa. Esta diz: “O Expresso Jornal – Afinal, o grande momento – para fazer o seu fim de semana mais completo”. O conteúdo anuncia “Adivinhe quem vem” e lança: “colunas variadas e atualizadas, sociedade, política, economia, diversos”. Na contracapa “Jornal O Expresso – informação e debate. Leia, assine e colecion”. E, ainda, dá o destaque: “Todos os esportes”, com quatro fotos pequenas de esportistas da época. Foi utilizada diagramação manual para montar esse jornal.

Esta fase também acabou por falta de recursos, não humanos, mas técnicos e financeiros. Era um jornal feito de forma amadora, para aprendizado dos estudantes, mais com o coração e com a paixão do que com planejamento e administração, como nos relata Meirelles Duarte:

Era feito mais por um capricho do Edy, não tinha aquele objetivo comercial, de anúncios. Todo o gasto de papel e impressoras era tudo sustentado por ele. Então, não ia sobreviver muito [...] Diante dos outros jornais ele era muito pequeno, de pouquíssima expressão. [...] Era um jornal mais pros estudantes. O próprio Edy reconhecia que era muito limitado, não tinha ambição de desbancar os grandes jornais. Começa que os dois são diários e o dele, era pra ser semanal, mas às vezes saía quinzenal e



assim por diante. (relato oral).

## Terceira Fase

No início deste ano [2001], finalmente após muito tempo os fatos nos levavam para o inevitável retorno de O Expresso, a edição que daria início a esta nova etapa ficou pronta no final de março, e circularia nos primeiros dias de abril, mas infelizmente problemas de saúde debilitaram o seu grande batalhador, e mais uma vez adiou-se por algum tempo este retorno, quis a fatalidade, que este adiamento viria por culminar com o agravamento do estado de saúde do Prof. Isaiás; que culminou com o seu falecimento, no dia 15 de agosto deste ano. (O EXPRESSO, 2001).

Este trecho é parte do editorial da primeira edição do Expresso, nesta terceira fase. Como Edy Isaiás havia passado a vida toda tentando reeditar O Expresso, os familiares, ajudados por alguns ex-alunos, decidiram produzir um número em homenagem a ele, em outubro de 2001, dois meses após sua morte. Esse primeiro apresentou uma biografia do jornalista, em forma de textos escritos por colegas, ex-alunos e familiares e fotos de todas as fases de sua vida. Depois disso, o jornal continuou circulando por pelo menos um ano, mas sem periodicidade fixa.



Por esse motivo, seu conteúdo não era tão factual. Apresentava problemas dos bairros; denúncias; entrevistas com pessoas comuns da cidade; esportes pouco destacados na época, como o skate e o futebol amador; divulgação do carnaval de rua; notícias de eventos da comunidade negra e outros assuntos que não ganhavam, normalmente, destaque nos demais jornais da cidade.

Esta fase terminou como as outras, por falta de recursos e, também, por necessidade de um projeto empresarial para o jornal, que o fizesse competir de igual para igual com as demais empresas jornalísticas da região.

A família, entretanto, ainda é detentora da marca registrada por Edy e, segundo a esposa, esse sonho, de ver o jornal circulando, ainda não morreu completamente.

Para Meirelles Duarte, apesar do Expresso não ter permanecido, muitos profissionais foram revelados: “Ele revelou grandes jornalistas, como o Décio Ilha [...] Foi levado pelo Edy para o jornal O Expresso e, do jornal O Expresso, causou curiosidade e admiração e terminou no Nacional, onde ele fez fama...”. Décio Ilha foi um dos colunistas sociais de maior destaque no jornalismo passo-fundense. Como ele, outros comunicadores também ganharam destaque através do trabalho que realizaram com Edy no Expresso e, dali, alçaram voos maiores.

O último texto escrito por Edy Isaías para O Expresso, no dia 3 agosto de 2001 – doze dias antes de falecer – foi publicado na edição especial de outubro de 2001, numa coluna intitulada “Palestra Informal”, lembrando sua coluna opinativa nos primeiros anos do jornal. Em dezembro de 2003, o texto foi publicado, também, no nº 0 da Revista “Água da Fonte” da Academia Passo-fundense de Letras, em uma matéria de homenagem ao jornalista e acadêmico.



## SE VOCÊ ... QUISER SER...

Nós estávamos falando – ser político em Passo Fundo é uma façanha de herói. O sujeito que fizer política aqui, pode fazer em qualquer lugar do mundo, que tira nota dez e com louvor. Aqui o sujeito enfrenta tudo e todas as nuances da política. Aqui em muitas ocasiões os adversários ficam procurando defeitos para jogar em cima do outro. O sujeito sai candidato e já tem de se preparar, porque vem chumbo e chumbo grosso. Aqui normalmente se procura o sujeito por seus erros, não por suas virtudes.

Mas, apesar de tudo, o político tem que ter um perfil que já vou descrever mais ou menos como deve ser. Deve em primeiro lugar ser muito esperto e inteligente. Pode até ter cara de bocó, mas isto é só para enganar a torcida. Tem de ser de uma grande, uma imensa humildade. Mas que essa humildade não chegue a ponto de se humilhar. Deve ser rápido de raciocínio, mas não louco; deve ser muito e muito original, criativo, dinâmico. Deve ser de sorriso fácil, mas não de andar se arreganhando por qualquer coisinha. Deve ter um jeitão de galã, sem contudo sê-lo. E, sobretudo deve conhecer uma porção de gente, dando até para chamá-



los pelo nome. Isto pega que é uma maravilha. Enfim, deve ser um sujeito muito conhecido em todas as rodas, ser popular, não vulgar, e entender das coisas, de todas as coisas, entrar e sair das conversas como faca na manteiga. E ser um herói também, sem necessariamente sê-lo. Afinal, beber todo esse coquetel de coisas e digeri-las com um suave sorriso na face. Só isso.

Edy Isaías (2001)



## O CURSO DE REDATOR AUXILIAR

Edy Isaiás atuou em uma época em que não se exigia a formação acadêmica para o exercício da profissão de jornalista. Se, até hoje a validade do diploma é questionada, naquele tempo de poucas faculdades e, numa cidade do interior, mais ainda. Mesmo assim – e esse foi um de seus destaques – ele saiu de Passo Fundo para estudar em Porto Alegre, no primeiro curso de Jornalismo do sul do Brasil, formando-se em 1960 e acabou se tornando o primeiro jornalista diplomado nesta região do Estado e, também, um dos primeiros negros na profissão. Meirelles Duarte afirma: “A maior realização do Edy Isaiás começa que ele foi o único jornalista diplomado que residia em Passo Fundo. Nós todos somos jornalistas feitos no sacrifício e na luta diária, feitos ‘a facção’, não dispomos de diplomas nem de cursos de Jornalismo...”

Desde aquela época, entretanto, ser jornalista não era sinônimo de riqueza. Muito pelo contrário, sempre significou uma ocupação de apaixonados pelo ofício em si e não pelo benefício financeiro que ele traz, já que, normalmente, não enriquece ninguém.

Edy sabia disso. Mesmo avisado pelo pai, seu Eduardo, de que teria que “ter dinheiro” para ser um dono de jornal – o que não tinham – decidiu pela carreira jornalística. Ao término da faculdade, porém, e às portas do casamento com Maria de Lurdes, resolveu conciliar a carreira do magistério com a do jornalismo.

Segundo a esposa, foi o amigo João Carlos Condine que sugeriu “vamos ser professores para poder nos sustentar”. A ideia era fazer o que gostavam, mas que não os sustentaria financeiramente e ter o magistério público estadual como fonte



de renda estável.

Entretanto, ser professor tornou-se uma segunda paixão na vida de Edy, a qual dedicou mais tempo de sua vida do que ao Jornalismo propriamente dito, e que lhe trouxe grandes realizações.

Assim que voltou para Passo Fundo em 1959, ingressou no curso de Filosofia e foi admitido no magistério estadual. Começou a lecionar Francês em Erechim, primeiramente. Seu objetivo era ser transferido para Passo Fundo ou, pelo menos para mais perto. Logo estava lecionando na Escola Estadual São Tomás de Aquino, em Marau. Somente em abril de 1966 conseguiu vir, em caráter provisório, para Passo Fundo, para ser professor em um novo ginásio, recém-criado, chamado Cecy Leite Costa. E não voltou mais, mesmo tendo sua transferência oficializada somente em 1980. A responsável pela sua mudança para o Cecy, primeiramente provisória, foi a amiga e, na época, primeira diretora do Cecy, Santina Dal Paz:

Ele precisava vir para Passo Fundo e estava em Marau (...) eu consegui, pela Secretaria de Educação que ele ficasse professor substituto, já que eu não tinha o Francês no meu currículo, no currículo da Escola. Então, faltava um professor de Português, ele ia lá e dava Português e ele era bom no Português. Faltava um professor de História, ele ia lá e dava História e era bom em História. Faltava um professor de Matemática ou de qualquer outra disciplina e ele ia lá e não tinha problema; e se ele não soubesse dar continuidade da programação do professor, ele



arranjava um assunto interessante que pudesse estar com alunos atentos, que não fizessem bagunça. E as aulas dele não tinham nenhum problema de disciplina porque ele trazia assuntos bem interessantes pros alunos. (relato oral de Santina Dal Paz).

No início, ele veio oficialmente como professor de Francês, mas, no Cecy, não era professor de uma disciplina específica. Ficou como professor substituto até o início da década de 1970, quando foi solicitado a todas as Escolas Estaduais que desenvolvessem projetos de cursos profissionalizantes conforme a necessidade de seus próprios municípios. Com isso, a figura de Edy tornou-se o pivô de um dos projetos apresentados para a Secretaria Estadual de Educação e Cultura: o projeto do curso de Redator Auxiliar, conforme lembrança da professora Santina: “Como ele era jornalista, então aproveitaram a pessoa dele, que já estava lá, e montaram esse projeto”.

Para Edy, que amava o Jornalismo e o Magistério, significou unir duas paixões e realizar-se em ambas. Meirelles Duarte acredita que Edy quis disponibilizar a outros jovens a oportunidade que teve ao cursar a Universidade: “...e ele, então, como detentor desse diploma, desse curso, quis dar às novas gerações ou transmitir a elas o seu conhecimento e estimular a prática do Jornalismo”.

O projeto foi aprovado pela Secretaria de Educação e Cultura, através da portaria nº 005972, publicada no Diário Oficial, em 27 de Fevereiro de 1974. Segundo documentos encontrados na Escola, o Curso de Redator Auxiliar era apresentado aos candidatos da seguinte forma:



## REDATOR AUXILIAR

### 1. Habilitação:

- Plena
- Nível Técnico
- Área Terciária

### 2. O que faz:

- Auxilia o profissional de nível superior na função de:
  - o Informar
  - o Interpretar
  - o Orientar
  - o Entreter

Fazendo com que chegue ao leitor, ouvinte ou espectador (cinema, televisão) além da notícia de um fato, de um acontecimento ou de uma teoria; também explicações, interpretações,



material de base, orientados no sentido de ajudar o indivíduo a compreender o que lê, ouve ou vê.

- Busca a informação
- Redige
- Revisa
- Arquiva

### 3. Onde Trabalha:

· Trabalha em jornais, revistas, rádios, cinema e televisão (empresas particulares e órgãos do governo).

· Em jornais, por exemplo, pode trabalhar, se não houver profissional habilitado em nível superior

o Na redação, como diretor responsável pelo funcionamento do órgão e da parte editorial, como redator-chefe executando a política informativa do jornal, o controle do noticiário e outras matérias para publicação,



como secretário, como redator responsável por uma seção, como chefe de reportagem, como repórter setorista e de reportagem geral

o No departamento de Publicidade

o No departamento de Promoções e Relações Públicas

o No departamento de Circulação e Expedição

o Na Gerência e na Oficina

Quanto ao currículo, contava com matérias da educação geral, e mais as de formação especial, dispostas em três anos, da seguinte forma:



<u>Disciplinas</u>	1º	2º	3º	Total
EDUCAÇÃO GERAL	3	3	-	192
Língua Portuguesa e Literatura Brasileira				
História	-	1	-	32
Geografia	1	-	-	32
O.S.P.B.	-	1	-	32
Matemática	3	2	3	256
Ciências Físicas e Biológicas	4	-	3	224
Educação Artística	1	-	-	32
Educação Física	3	3	3	288
Educação Moral e Cívica	1	-	-	32
Educação Religiosa	1	-	-	32
Programas de Saúde	1	-	-	32
<u>Sub-total</u>	18	10	9	1184
FORMAÇÃO ESPECIAL				
Língua Inglesa	-	1	2	96
Língua Francesa	-	1	1	64
Estudos Riograndenses	1	-	-	32
Filosofia	-	1	-	32
Sociologia	1	-	-	32
Mecanografia	-	-	2	64
História dos Meios de Comunicação	2	-	-	64
Teoria e Técnica da Comunicação	2	2	2	192
Redação e Edição	-	5	5	320
Problemas Sociais Econômicos Contemporâneos	-	3	3	192
Psicologia das Relações Humanas e Ética	-	2	3	160
<u>Sub-total</u>	6	15	18	1248
Total	24	25	27	2432



Edy Isaiás, que a partir de 1975 tem sua disciplina oficial alterada de Francês para História e, no ano seguinte, acrescenta Filosofia, continua lecionando disciplinas tanto do currículo geral, como Francês, Filosofia, História, quanto da formação especial, como Teoria e Técnica da Comunicação (TTC) e História dos Meios de Comunicação (HMC). Seu ex-aluno, Algemar França, descreveu seu papel no curso e suas aulas da seguinte forma:

O Redator, na verdade, era o professor Edy, já que o curso tinha seu estilo e liderança. As aulas do professor eram diferentes das demais, por serem mais alegres, participativas e recheadas de piadas. No começo da década de 80, este tipo de aula não era nada comum, já que o país vivia os tempos da Ditadura Militar. [...] O professor Edy nos dizia que o Cecy Leite Costa não era uma escola de segundo grau, era muito mais que isso, sendo uma verdadeira Universidade, pela qualidade de seus professores e o brilhantismo de seus alunos. (O EXPRESSO, 2001).



A escola procurava auxiliar os candidatos ao 2º grau<sup>5</sup> na escolha da Habilitação que melhor se adequava ao seu perfil e habilidades pessoais. Por isso, um folheto contendo informações para auto avaliação de interesses, aptidões e personalidade foi elaborado na década de 80 (e apresentamos sua transcrição a seguir). Nele podemos perceber a ênfase que a coordenação do Redator Auxiliar dava na formação de profissionais de comunicação que fossem completos, sobretudo no aspecto humano:

#### INTERESSES:

- Interesses literários e linguísticos, gostar de ler, escrever, falar, disposição para o estudo de línguas e literatura.
- Interesse persuasivo, gostar de transmitir ideias, relacionar-se com o público, de influências pessoais, convencer os outros daquilo que se considera a verdade.
- Interesses de contato com pessoas
- Interesses assistenciais

#### APTIDÕES E HABILIDADES:



- Inteligência geral (capacidade de juízo, raciocínio, de estabelecer abstrações simbólicas, de análise, síntese, crítica, de generalização e discriminação).
- Aptidão abstrata, capacidade para descobrir relações e para raciocinar através de símbolos, transformando-os em dados operativos, aptidão para lidar com ideias.
- Aptidão verbal, facilidade para raciocinar com base em relações de sentido entre símbolos verbais, para interpretar o significado do que as palavras expressam e para usar correta e facilmente as palavras.
- Aptidão artístico-literária, facilidade para perceber a beleza estética baseada nas formas verbais de manifestação do pensamento, como para falar e escrever artisticamente.
- Fluência Verbal
- Rapidez de leitura e escrita
- Riqueza de Vocabulário
- Precisão de expressão
- Facilidade para redigir, ler, traduzir, copiar,



discursar, falar.

- Capacidade de comunicação (participação ou transmissão de informações).
- Atenção dinâmica
- Memória auditiva
- Agilidade física, facilidade de movimentação.
- Boa dicção e impostação de voz
- Audição e visão bem desenvolvidas

#### TRAÇOS DE PERSONALIDADE:

- Pontualidade
- Criatividade
- Extroversão
- Intuição
- Curiosidade
- Agressividade controlada
- Cortesia



- Perseverança
- Honestidade
- Sociabilidade
- Liderança
- Responsabilidade
- Iniciativa

É unanimidade entre as fontes que a maior realização de Edy Isaías está na formação e na revelação de jovens talentos no rádio e na mídia impressa passo-fundense, sobretudo através do Curso Técnico de Redator Auxiliar, do Colégio Cecy Leite Costa.

“Surgiu um punhado de grandes jornalistas lá da Escola Cecy Leite Costa, onde ele lecionou [...] Ele revelou grandes jornalistas...” (Meirelles Duarte).

O grande mérito do Edy foi o trabalho que ele fez nos anos 70, que ele conseguiu esse curso que era inédito em Passo Fundo e eu acho que raríssimo em todo o Rio Grande do Sul, um curso de Redator Auxiliar [...] muitas pessoas que vieram para as redações, assumiram sua posição e estão até hoje nas redações, foram alunos do Edy [...] era apenas uma tendência que cada um deles tinha para



o Jornalismo e que o Edy conseguia filtrar, e sob, sempre, a orientação dele é que a gente chamava um ou outro pra fazer uma espécie de estágio no jornal [...] Esse trabalho do Edy, esse comprometimento do Edy, é algo que o jornalismo de Passo Fundo tem que reconhecer como de grande mérito, e eu reconheço. (Argeu Santarém).

Sempre que ele via um pessoal que se destacava, que tinha o “dom pra coisa”, ele pegava e apresentava pra trabalhar em jornal, ou rádio. Ele procurava encaminhar as pessoas. Várias e várias pessoas. Um dos primeiros que eu conheci que ele encaminhou foi o Jorge Rosa que era repórter policial do Diário da Manhã (depois, ele foi trabalhar em Chapecó e morreu num acidente). Flávio Damiani, que hoje é assessor de imprensa do Ministério da Justiça em Porto Alegre. Teve várias pessoas que ele encaminhou. Tem o Carlos Alberto Fonseca que está no Diário da Manhã. O Rogério Silva, do Diário da Manhã. A Zulmara Colussi, do Diário da Manhã também. Eu, na Uirapuru. (Acácio Silva, em 2004).

Foram alguns desses alunos que participaram da



segunda fase do Expresso. Edy fez dessa atividade como um estágio para eles e dali, depois, os encaminhou a outros veículos onde pudessem ter mais sucesso, conforme a entrevista do ex-aluno Carlos Alberto Simões ao Jornal O Redator (do Cecy) em maio de 1985 – na época Edy estava na Secretaria Municipal de Cultura e Simões era o professor das matérias TTC, HMC e Mecanografia.

Há dez anos atrás, quando se formou a primeira turma do Redator Auxiliar, as condições de trabalho eram precárias. Na época nos propusemos a trabalhar com a ajuda do professor Edy Isaías – já que a escola não nos proporcionava este treinamento – que oferecendo, assim, sua oficina para mim e Carlos Alberto Fonseca, pudéssemos adquirir conhecimentos mais amplos. (O REDATOR, 1985, p. 6)

O curso de Redator Auxiliar, e o próprio Cecy, na época, se destacavam pela intensa atividade cultural. Concursos de Oratória e Declamação eram realizados, formação de grupos de teatro para participação em festivais e a confecção de um jornal chamado O REDATOR, que funcionava como órgão de divulgação da Escola e como atividade prática do curso. O primeiro número saiu em abril de 1978, depois que a primeira turma já tinha sido formada, e foi ativo pelo menos até 1985. O jornal, que era impresso em gráficas particulares, saía em formato tablete (32x23cm), com impressão preta, em papel



sulfite branco e tinha, em média, 12 páginas, com muitas fotos e capa trabalhada, geralmente com foto maior ou sobreposições. Continha editorial, expediente, colunas de opinião, charges, reportagens com assuntos de interesse interno, entrevistas, cobertura dos eventos do colégio, e tudo feito exclusivamente pelos alunos, com a supervisão dos professores de Português.



Figura 4 – capas do jornal O Redator (à esquerda: o nº 1) - Fonte: Arquivo da Escola



O 1º Concurso de Declamação e Oratória aconteceu em 1980, em comemoração aos quinze anos da escola e continuou a acontecer nos anos seguintes, por iniciativa das professoras de Língua Portuguesa. Além disso, o Redator Auxiliar promovia anualmente um encontro dos alunos com profissionais de comunicação da cidade. O primeiro “Painel” aconteceu no dia 5 de maio – Dia das Comunicações – de 1976. A professora Tânia Rosing, que era professora do Cecy nesta época, foi uma das organizadoras do evento que contou com palestrantes como o jornalista Hélio Freitag, na época diretor do Diário da Manhã, falando sobre a organização e importância da imprensa escrita no país; e Ely Carvalho Rossetto e Otelio Ribeiro, representantes da Empresa de Correios e Telégrafos, para falar de comunicação telegráfica<sup>6</sup> – tecnologia que estava em pleno uso, naquela época.



*Figura 12 Foto do Painel de 83, no Cecy Nota-se Edy bem ao centro da mesa - Fonte: O Redator, out/nov 1983.*

---

6 Comunicação Telegráfica: primeiro o telégrafo elétrico, desenvolvido por Samuel Morse, e depois o Telégrafo Wireless, de Marconi (esse já sem fio), significaram uma revolução nas comunicações, porque permitiam que as notícias chegassem em “tempo real” a qualquer ponto do planeta. Antes dos computadores chegarem às redações, essa era a forma de recepção mais moderna das informações (fora, é claro, o telefone).



Em edições posteriores, como no ano de 1983, ex-alunos do curso (Gilson Kurtz, Zulmara Colussi e Acácio Silva) voltaram ao Cecy como painelistas para contarem sua trajetória e responderem aos questionamentos dos estudantes.

Na edição do Redator, de outubro/novembro de 1983, o editorial intitulado “Lei 7044/82: Reforma da Reforma?”, assinado pela diretora Lúcia Terezinha Saccomori Palma, pareceu anunciar o que se concretizaria três anos depois:

...a lei 7044/82 também inova em alguns aspectos quando, por exemplo, retira a obrigatoriedade da formação profissional. Esta inovação está colocando as escolas diante de um sério problema: repensar as habilitações oferecidas, muitas delas tão criticadas pelos alunos, pais e comunidades, por não prepararem para um bom desempenho profissional, tampouco para enfrentar o tão temido vestibular. Outra inquietação: se as escolas não encontrarem respaldo para equiparem suas habilitações com o mínimo necessário, vale a pena continuar a oferecer estes cursos aos nossos alunos? (EDITORIAIS, 1983)

Ao lado deste editorial, no espaço dedicado ao “editorial do aluno”, as alunas Marivania e Virgínia, da turma 62B, denunciam a deficiência nas aulas práticas, devido à falta de materiais necessários: “No caso do nosso curso, os alunos não têm aulas práticas, porque em primeiro lugar não têm nem



uma sala de aula com os materiais necessários para um bom desenvolvimento e prática profissionalizante...”.

Assim, na segunda metade de 1986, a exemplo de muitas outras escolas, o Cecy excluía seus três cursos profissionalizantes – Redator Auxiliar, Economia Doméstica e Prótese – sob protesto dos alunos, que reivindicavam a qualificação e não a extinção do Redator Auxiliar. A polêmica chegou até o Jornal Correio do Povo, de Porto Alegre, em 7 de dezembro de 1986, que publicou matéria sobre o caso no Cecy. Apesar das manifestações contrárias, esses cursos não voltaram mais a funcionar depois disso.



Figura 3 – Recorte do Jornal Correio do Povo (7/12/1986). Fonte: Arquivo da Escola



Edy Isaiás ainda permaneceu no Cecy até 25 de março de 1988, quando se aposentou, aos 55 anos de idade. Alguns dos amigos que fez nessa época, colegas e ex-alunos, andaram com ele até o final de sua vida, como é o caso de Algemar França: “... sua filha Eduarda me chamava de ‘fiel escudeiro’ de seu pai, já que pelo menos uma vez na semana o visitava em sua casa para aprender um pouco mais...”. (O EXPRESSO, 2001).

Ele foi uma pessoa que marcou a história de Passo Fundo.

Ele não foi uma pessoa que passou e não viveu.

Ele viveu e marcou.

Nunca o víamos abatido, desiludido da vida.

Ele tinha esperança, mesmo que uma esperança vagarosa.

Era um filósofo, um teórico e um sonhador.

E como sonhava bonito!

Santina Dal Paz<sup>7</sup>



*Figura 14 - Edy Isaiás em 2000. Fonte: Jornal O Expresso, 2001.*

---

<sup>7</sup> Relato oral de Santina Rodrigues Dal Paz (2004), escritora, historiadora e membro da Academia Passo-fundense de Letras. Foi amiga e diretora de Edy Isaiás, na Escola Cecy Leite Costa.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho se constitui numa nova fonte sobre a História do Jornalismo Regional, apesar de reconhecer que é uma pequena contribuição, dentro do enorme e vasto campo a ser pesquisado, ainda. O objetivo proposto foi alcançado: apresentar a trajetória deste jornalista e sua contribuição como profissional.

Registramos fatos que, de outro modo, poderiam estar fadados ao esquecimento e a serem enterrados com a morte de suas testemunhas. Isto torna o trabalho importante para o município de Passo Fundo e região.

Em alguns momentos, nos deparamos com esse “desaparecimento” da informação, principalmente quando buscamos exemplares da primeira fase do jornal O Expresso, da década de 60. Procuramos em todos os lugares e com pessoas que pudessem nos ajudar e, apesar de muitos ainda se lembrarem como era, até com certo detalhe, infelizmente, somente um número foi encontrado, no Arquivo Histórico Regional. Felizmente, através desse exemplar e dos diversos depoimentos, pudemos traçar um perfil dessa publicação. Pudemos, também, identificar



## REFERÊNCIAS

DORNELLES, Beatriz (Org.). *PUCRS: 50 anos formando jornalistas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

DÓRO, Leandro. *Revista Água da Fonte da Academia Passo-Fundense de Letras*, Passo Fundo, v. 1, n. 1, p. 92, abr. 2004.

EDITORIAIS. *O Redator: Órgão de Divulgação da Escola de 2º grau Cecy Leite Costa*. Passo Fundo, ano VI, nº 21, out/nov 1983, p. 2.

MONTEIRO, Paulo. *Revista Água da Fonte da Academia Passo-Fundense de Letras*, Passo Fundo, v. 0, n. 1, p. 52, dez. 2003.

O EXPRESSO Jornal. Edição Especial. Passo Fundo, ano XL, nº 01, out. 2001.

O REDATOR: Órgão de Divulgação da Escola de 2º grau Cecy Leite Costa. Passo Fundo, ano VII, nº 22, mai. 1985, p. 6.

TORAL, André Amaral de. A participação dos negros escravos na guerra do Paraguai. [S.n.t.] Disponível em: <<http://goo.gl/quN8SM>>. Acesso em: 22 maio 2016.



XAVIER, Antonino. *Seara Velha*. Passo Fundo: INDEPENDENCIA, 1932.

## **RELATOS ORAIS ATRAVÉS DE ENTREVISTA:**

- o Argeu Santarém, em 29/09/2004.
- o Meirelles Duarte, em 30/09/2004.
- o Acácio Silva, em 16/09/2004.
- o Osmar Giarollo, em 25/09/2004.
- o Santina Dal Paz, em 22/09/2004.
- o M<sup>a</sup> de Lurdes Isaías, em 25/09/2004.
- o M<sup>a</sup> de Lourdes I. da Cruz (irmã), em 07/10/2004.



# ANEXOS/ENTREVISTAS

## ARGEU SANTARÉM

Colega de Jornalismo, radialista e escritor, em 29/09/04:

1. *Quem foi Edy Isaiás, na sua opinião? E quais foram as suas maiores realizações?*

O Edy, pra começar, foi meu professor. Mas não foi meu professor de Jornalismo, foi meu professor de Francês. No tempo em que a gente estava no ginásio, ainda. Em Marau. O Edy havia se formado em Comunicação em Porto Alegre e retornou para Passo Fundo e passou a lecionar Francês – não lembro se tem outra matéria. Foi uns tempos depois que o Edy iniciou com seu jornal O Expresso, nos anos 63, 64, se eu não me engano, nessa época... Na primeira metade dos anos 60, ele iniciou com seu jornal O Expresso, que era um jornalzinho feito numa oficina em sua própria casa, com auxílio de uma ou duas pessoas, era todo na tipografia, não tinha a mínima tecnologia que tem hoje. Era uma tipografia antiga, letra por letra, devia se buscar com uma pinça na caixa de letras pra formar uma frase, depois colocar isso na prensa e da prensa pra impressora. O jornal dele, se eu não me engano, foi sempre Semanário, ou ele tentou tirar bi semanário, uma coisa assim...

Mas o Edy nunca conseguiu sair do chão com seu jornal porque naquela época não era fácil também. Tinha os dois jornais daqui, que detinham o controle, os dois grandes jornais, Diário da Manhã e O Nacional, que detinham o controle da mídia escrita. Porque eles tinham mais elementos, já eram muito mais antigos. E o Edy foi um pioneiro numa tentativa de romper esse processo. O jornal dele tinha uma circulação muito resumida e tinha um outro problema grave: ele, apesar de ter sido



sempre um oficialista – o Edy sempre foi a favor, né? Nunca foi contra – apesar de ser um oficialista ele não conseguia romper, acabar com seu problema financeiro e aumentar o seu jornal. Ele sonhava com isso, que podia amanhã ou depois ter uma máquina, uma linotipo, uma impressora, quando começou a funcionar o sistema offset ele ainda alimentava essa esperança... Mas ele era um idealista neste aspecto, porque ele punha o dinheiro do seu salário, que ele ganhava como professor pra poder circular o jornal e alguma publicidade muito barata, muito pouquinho que ele conseguia angariar. Então, no aspecto profissional do Edy, o que eu posso colocar é isso. Eu nunca trabalhei com o Edy, no jornal dele, porque eu sempre estive ligado a outros órgãos de imprensa, mas sempre acompanhei o trabalho, principalmente nesse jornal O Expresso, que ele sustentou alguns anos e depois cansou, deve ter cansado... Botando sempre do próprio bolso pra poder funcionar o jornal.

**2. *O senhor disse que ele tinha uma posição meio “oficial” e justamente essa época do Expresso foi uma época complicada, pelo menos do início da ditadura...***

É, era uma época difícil, mas o Edy, realmente, ele era oficialista. Ele tinha muito receio de criticar o governo no jornal, embora, particularmente, ele manifestasse sua opinião contra o regime. Mas daí à sua posição como dono do jornal era totalmente diferente. Apesar que, diga-se de passagem, os demais jornais daqui também tinham muita preocupação, os jornais grandes, não era só o Edy. Embora os jornais grandes tivessem uma autonomia maior, tinham mais poder político, mais poder de fogo pra poder criticar algumas coisas, principalmente as coisas que ocorriam aqui dentro das nossas barbas, como a gente dizia.

Mas essa posição do Edy não surpreende, porque a época era muito difícil, realmente era uma época muito difícil... o Edy já não era um jovem estudante, um jovem



recém-formado. Ele já era um homem calejado, já tinha família, tinha dificuldade de sustentar o jornal. Era funcionário público e poderia perder até o seu título de professor, porque naquele tempo ninguém perdoava ninguém. Então, o meu espírito crítico a respeito do Edy era nesse sentido.

A gente tem que entender, também, a situação dele, que era muito diferente da minha. Eu não tinha jornal, não tinha compromisso com ninguém, tinha uma posição política, a respeito da ditadura, muito bem formada, desde os tempos da militância estudantil e, não que não arriscasse nada, a gente arriscava tudo, como arrisquei: eu e companheiros meus chegamos a perder emprego, perdemos matrícula na Universidade, essas coisas todas... Mas a nossa situação era diferente porque nós já tínhamos uma formação política, então podíamos cobrar de todo mundo isso, que era o caso do Edy. O Edy não tinha uma formação política dos bancos escolares pra que, depois, se cobrasse dele como diretor do jornal, mesmo porque ele dependia do governo.

3. ***Bom, ele é muito mais conhecido hoje como professor do que como jornalista, e ele foi um dos fundadores e principais professores de um curso aqui no Cecy, chamado Redator Auxiliar...***

É, eu queria chegar lá. O grande mérito do Edy foi o trabalho que ele fez nos anos 60 e anos 70, que ele conseguiu esse curso que era inédito em Passo Fundo e eu acho que raríssimo em todo o Rio Grande do Sul, um curso de Redator Auxiliar. Esse curso formava alunos, em nível de ginásio, se eu não me engano, em nível ginásial, que depois eram aproveitados pelas redações, muitos deles foram aproveitados e eu cito excelentes jornalistas que saíram dali, como Carlos Alberto Fonseca, meu querido amigo, Acácio Silva, e outros que eu não lembro o nome assim... muitas pessoas que vieram para as redações, assumiram sua posição e estão até hoje nas



redações, foram alunos do Edy. Outros não chegaram depois a cumprir a Universidade, perderam, então, aquele vínculo com o Jornalismo, mas muitos deles foram aproveitados. Esse trabalho do Edy, esse comprometimento do Edy, é algo que o jornalismo de Passo Fundo tem que reconhecer como de grande mérito, e eu reconheço. Eu mesmo editava, naquele tempo, o jornal O Nacional e recebi vários desses estagiários... repito, Fonseca foi um deles, que chegou como estagiário. O Jorge Lindenhaer, que depois abandonou, não trabalha mais com jornal... Depois veio o Acácio, que não chegou a trabalhar comigo no Diário da Manhã, foi posterior. Mas muitos desses nomes, que eu, como editor do jornal, recebi, nos dois jornais. A gente recebia e, é claro, havia um filtro natural, porque eles não estavam saindo duma faculdade de Jornalismo, era apenas uma tendência que cada um deles tinha para o Jornalismo e que o Edy conseguia filtrar, e sob, sempre, a orientação dele é que a gente chamava um ou outro pra fazer uma espécie de estágio no jornal. Muitos ficaram. Ficaram e estão até hoje.

4. ***O Edy foi o primeiro jornalista com formação acadêmica em Passo Fundo, e ele era negro – se hoje em dia ainda há preconceito, imagine naquela época um negro ir pros bancos acadêmicos, voltar... Como é que o senhor vê isso?***

O Edy é negro, foi o primeiro. Ele veio pra cá e não foi trabalhar em jornal, como eu já falei. Ele veio como professor, chegou a ser meu professor. O fato de ele ser negro deve ter prejudicado como prejudica até hoje, né? Esse racismo é natural, embora seja totalmente injusto, numa cidade que tem a maior parte da população de descendentes de europeus. Mas o Edy tinha um outro aspecto, ele negro, mas era de uma família tradicional de Passo Fundo. Os Isaías são considerados um dos fundadores de Passo Fundo, porque os antepassados dele, que aqui chegaram como escravos, depois de libertos eles se adaptaram e foram, todos eles, inclusive



ele próprio, pessoas de uma determinada importância, tinham peso na classe média de Passo Fundo. Eu concordo que até essas coisas podem ter prejudicado, em parte, mas ele não se sentia como tal. Porque ele transitava no meio dos brancos com toda a segurança, contava piadas de negros e, a mim, por exemplo, diante dos meus olhos, pelo menos, nunca se passou um fato que pudesse ser entendido como discriminação ao Isaías, em função da sua cor. Pelo contrário, nesse aspecto ele era sempre muito respeitado, eu até repito, em função da sua família.

5. ***O senhor acha que o fato dele ser negro o fez lutar mais, ou acomodar... teve alguma influência?***

Deve ter levado o Edy a reforçar o “trem de jogo”, é evidente. Porque, em primeiro lugar, você vê: um negro do interior cursar uma faculdade de comunicação, nos primeiros anos da faculdade de comunicação no RS, em Porto Alegre... Ele conseguiu vencer. Voltou para Passo Fundo. Fez Filosofia mais tarde. Essas coisas ensinaram! Ele era líder da raça, tanto assim que ele sempre dirigiu ou participou de diretorias – se não foi presidente – de entidades ligadas ao movimento negro. Não era um contestador! Não era, sem dúvida! Não, ele não era. Pelo contrário, ele era um tipo que buscava mais um entendimento com os brancos, a ascensão do grupo de negros que o cercavam, né? Uma espécie de Martin Luther King em tempos de paz, aqui. A esposa dele também, a Maria de Lourdes sempre foi uma lutadora também. Sempre estive à frente de movimentos sociais, de branco ou de negro, não interessava. Ele se concentrava mais nos movimentos de negros, por exemplo, no Visconde do Rio Branco, ele chegou a ser presidente, se eu não me engano do Visconde. Ele teve uma participação muito ativa, nesse aspecto. Mas eu repito o que disse anteriormente, há sempre resquícios de racismo e discriminação. Tenho a impressão que ele morreu com o respeito da comunidade. A comunidade, que sempre respeitou, por sinal, tem respeito para com ele até hoje, porque o Edy, apesar das diferenças com os



grupos de jornalistas que o cercavam, que não eram muitos – era só questão apenas de opinião, de diferença de posição política, até pra aquela época – o Edy nunca foi tachado de desonesto, nunca foi tachado de incompetente, essas coisas, né? Nunca houve uma acusação nesse sentido. Eu acho que deixa uma bela imagem. E te cumprimento, inclusive, por ter escolhido este tema. Acho que tens muito assunto pra discutir ali como Edy.

## MEIRELLES DUARTE

**Colega de Jornalismo, radialista e colega na Academia de Letras, em 30/09/04:**

1. *Quem foi Edy Isaías e quais foram suas maiores realizações?*

Ele é natural de Passo Fundo e marcou muito.

A maior realização do Edy Isaías começa que ele foi o único jornalista diplomado que residia em Passo Fundo. Nós todos somos jornalistas feitos no sacrifício e na luta diária, feito “a facção”, não dispomos de diplomas nem de cursos de Jornalismo como tem hoje a UPF – é o que tu deve estar fazendo, né? – e ele, então, como detentor desse diploma, desse curso, ele quis dar às novas gerações ou transmitir a elas o seu conhecimento e estimular a prática do Jornalismo. E surgiu um punhado de grandes jornalistas lá da Escola Cecy Leite Costa, onde ele lecionou. E, graças a ele, a Escola Cecy Leite Costa tornou-se uma escola profissionalizante que, além de jornalistas, também, até hoje, forma técnicos eletricitas, e outras coisas lá, que eu não estou bem a par.

E ele fundou O Expresso Jornal, um jornal



modestíssimo, composto com um sistema gráfico já superado, oficinas muito pobres, quase paupérrimas e que não tinha uma circulação prévia. Quando menos se esperava saía aquela edição do Expresso de uma circulação sempre pequena. Eu acho que, no máximo, mil exemplares por edição. Às vezes saía quinzenal, às vezes saía mensal. Eu colaborei muito com O Expresso na área do esporte, que eu escrevia e dava pra ele, mas ficava esperando, esperando, esperando, dali um dia saía o jornal.

Ele revelou grandes jornalistas como o Décio Ilha, sabia? Que se tornou o maior cronista social da cidade. Foi levado pelo Edy para o jornal O Expresso e, do jornal O Expresso, causou curiosidade e admiração e terminou no Nacional. Onde ele fez fama, onde ele praticamente dominava a sociedade de Passo Fundo com suas críticas, escolhendo as mulheres destaque, as mais elegantes, enfim, ele mexia com a sociedade. Ele faleceu em Camboriú, o Décio Ilha, e foi revelado, foi a maior revelação do professor Edy Isaías. Ele relevou, também, o Acácio Silva, que é da Rádio Uirapuru, revelou, também, o Carlos Fonseca, que é da Rádio Diário da Manhã, vários funcionários da Rádio Planalto passaram pela Escola Cecy Leite Costa, como alunos do professor Edy.

Ele ingressou comigo, no mesmo dia, na Academia Passo-fundense de Letras e colaborou com a Academia, porque ele era muito culto e muito caprichoso, porque raramente faltava às reuniões, aos eventos em que a Academia se fazia presente. E desapareceu prematuramente. Esse foi o seu Edy Isaías.

## **2. *Voltando um pouco ao Expresso, o senhor diria que ele tinha uma linha editorial? Do que tratava?***

Não. Ah, O Expresso era um pouco sensacionalista. Ele fazia de um fato quase corriqueiro, ele dava um aspecto, dava uma manchete de sensação. Mas ele tinha um princípio de não atacar ninguém, de não criticar ninguém, nem os governantes do município, nem... Uma postura muito decente, muito correta.



O esporte era forte, eu tinha uma página inteira, com clichês. Naquele tempo tinha que se fazer clichês, que se transformava na fotografia do jornal.

Mas foi um jornal que, a prova disso é que antes mesmo da sua morte já estava parada a sua circulação, e não tinha nenhuma perspectiva de retornar. Era feito mais por um capricho do Edy, não tinha aquele objetivo comercial, de anúncios, isso e aquilo. Todo o gasto de papel e impressoras era tudo sustentado por ele. Então, não ia sobreviver muito.

A importância do Expresso foram os profissionais que O Expresso revelou.

Diante dos outros jornais ele era muito pequeno, de pouquíssima expressão. Não era como O Nacional e o Diário que até hoje fazem opinião, moldam a opinião da cidade. Esses jornais, que sempre dominaram, nem tomaram conhecimento do Expresso.

Era um jornal mais pros estudantes. O próprio Edy reconhecia que era muito limitado, não tinha ambição de desbancar os grandes jornais. Começa que os dois são diários e o dele, era pra ser semanal, mas às vezes saía quinzenal e assim por diante.

### **3. *O senhor crê que a cor da pele teve alguma influência na vida dele, positiva ou negativamente?***

Não, ele era um líder da raça. Ele presidiu muitos anos o Clube Visconde do Rio Branco, que é uma entidade que só congrega negros. O pai dele, o velho Isaías, foi o fundador do Clube, ele sucedeu o pai, presidiu, depois outros parentes presidiram... Ele estimulou muito o carnaval de rua, que não tinha em Passo Fundo e começou engatinhando com duas ou três escolinhas de samba muito pequenas. Era ele que estimulava, que conclamava, que ia pras rádios congregar e a cidade nunca deu muita importância, porque até hoje o



nosso carnaval de rua é muito sombrio, é muito fraquinho, muito pobre. Mas ele, pelo fato de ser negro, não tinha nenhum complexo. Prova estar que ele entrou na Academia de Letras, sempre estava presente em todos os eventos importantes da cidade, sempre muito bem querido, muito estimado e um cidadão muito correto. Muito estudioso e humilde, até demais, pelo que ele sabia e pela cultura dele.

4. *Alguns o chamam de “oficialista” por causa da posição dele diante da ditadura militar, mesmo estando em meios difíceis como o estudantil e o jornalístico. Como o senhor vê isso?*

Não, ele não negava suas tendências políticas. Ele era brizolista, mas por esse fato ele não sofreu, como muitos sofreram – o que é o meu caso, porque era vereador – qualquer problema com a revolução, com os militares. Ele era um político militante, hoje em dia a esposa dele é até candidata a vereadora, mas não negava suas tendências, suas preferências, o seu partido (que tinha ficha assinada no PDT), acompanhava os candidatos, fazia campanha e tudo o mais. Mas não sofreu nenhuma sequela por isso.

5. *Essa questão da filiação foi depois da abertura política. Mas na época da ditadura, o senhor lembra qual era a posição política do jornal?*

O jornal não tinha tendência política nenhuma. Era de livre circulação e dava as notícias. Se os militares mandavam prender, ele dava a notícia: “por ordens militares, foi preso, foi cassado”, ele dava a notícia como qualquer outra. E nunca sofreu qualquer advertência ou repreensão por causa disso. Era de livre... Era um jornal que não pesava muito na opinião pública, era mais ele, Edy Isaías, porque O Expresso era muito...



## 6. *A maior realização dele então...*

Isto sim, ele influenciou muito, contribuiu e revelou excelentes jornalistas e radialistas.

Foi um brilhante membro da Academia Passo-fundense de Letras.

Foi um cidadão íntegro e que, enquanto esteve presente conosco na Academia, sempre se destacou, valorizou a Academia com a presença dele, etc, mais ou menos isso.

## ACÁCIO SILVA

**Ex-aluno e radialista, em 16/09/04:**

### 1. *Como o senhor descreveria sua relação com Edy Isaiás?*

Acho que foi uma relação de amizade. Ele era um excelente professor, muito extrovertido... A gente não escrevia muito... Eu passei os três anos do curso de Auxiliar de Redação e não escrevi muita coisa. Ele chegava no quadro, colocava umas frases principais e a aula dele era mais conversa, contando como é que tinha que ser o Jornalismo, como é que ele fazia, o que ele entendia de Jornalismo. Era um professor muito comunicativo e que cativava os alunos. Difícil era achar um aluno que não gostasse dele. Eu, particularmente, depois fiquei trabalhando com ele, na oficina que ele tinha nos fundos da residência dele, mais ou menos um ano, tentando retomar O Expresso. Iam outros alunos também e nós fizemos diversas matérias experimentais que depois acabaram não



saindo. Depois conseguimos tirar, não me recordo bem se dois ou três números.

A nossa relação era de amizade! Era muito comunicativo! Difícil achar uma pessoa na cidade que não gostasse do professor Edy Isaías. Aquele jeitão sempre calmo, uma paciência impressionante!

Ele tratava os alunos como se fossem filhos dele, amigos dele.

## 2. *Ele era um disculpador? Fazia discípulos?*

Ah, sim! Sempre que ele via um pessoal que se destacava, que tinha o dom “pra coisa”, ele pegava e apresentava pra trabalhar em jornal, ou rádio. Ele procurava encaminhar as pessoas. Várias e várias pessoas. Um dos primeiros que eu conheci que ele encaminhou foi o Jorge Rosa que era repórter policial do Diário da Manhã (depois, antes de terminar o curso ele foi trabalhar em Chapecó e morreu num acidente). Flávio Damiani, que hoje é assessor de imprensa do Ministério da Justiça em Porto Alegre. Teve várias pessoas que ele encaminhou. Tem o Carlos Alberto Fonseca que tá no Diário da Manhã. O Rogério Silva, do Diário da Manhã. A Zulmara Colussi, do Diário da Manhã também. Eu, na Uirapuru.

## 3. *Sobre o curso.*

Ele foi o cara que organizou, que encaminhou a “papelama” pra fazer esse curso lá no Cecy, que depois, infelizmente... Hoje seria ideal se tivesse esse curso, porque o pessoal que hoje tá fazendo Jornalismo, às vezes vai pra Universidade sem saber bem certinho... se tivesse esse curso, ia fazer lá e depois já chegava na Universidade sabendo certinho se era aquilo mesmo que queria, pelo menos já tinha uma noção.

Mas o curso foi muito deficitário. Não tinha máquina



de escrever (naquela época não tinha computador, né!?) e era muito deficitário em termos de material. Tinha um material humano bom, como era o caso do professor Edy e mesmo assim saíram vários profissionais de lá. Têm outros que eu não me recordo agora, mas saíram de lá do Cecy.

#### 4. *O que vocês estudavam?*

As matérias normais, do currículo normal, e a gente tinha lá redação, técnica e teoria da comunicação. Dependendo do ano. No primeiro ano tinha uma coisa mais básica: a história do Jornalismo e meios de comunicação e depois tinham as matérias práticas: duas ou três eu acho que eram práticas. Quer dizer, prática mas a gente acabava na teoria porque se fizesse matéria tinha que fazer na mão, com caneta mesmo.

#### 5. *O professor Edy tinha formação também em Filosofia. Que tipo de leitura gostava? Como isso se manifestava nas aulas?*

Pelo que ele falava, que jornalista tem que entender de tudo. Ele lia tudo: jornal, revista, livro. Gostava de livros ligados ao tema de jornalismo, inclusive recomendava pra gente. Ele sempre dizia que jornalista tem que saber um pouco de tudo, principalmente no interior. Porque na capital a gente pode fazer aquela cobertura só do setor que trabalha, mas aqui não, aqui você tem que fazer economia, geral, polícia, política, então tem que saber de tudo. Ele era muito chegado à leitura. Incentivava os alunos à leitura.

#### 6. *Você acha que o fato dele ter sido negro influenciou de alguma forma na sua atividade profissional, seja pra impedi-lo ou influenciá-lo?*



Não, acho que não. Ele era de uma família tradicional negra, a Família Isaías, mas ele não tinha recursos financeiros mesmo. Porque o Edy era um sonhador. Era um cara muito sonhador. E ele sempre lutou... antes mesmo, quando ele tinha o jornal dele, ele contava pra gente, ele sempre teve muita dificuldade de equipamento. Bah, naquela época os equipamentos eram mais rudimentares...

Mas, quando circulou o jornal dele, fazia sucesso. Era bastante famoso! Ele não fazia aquele jornal tradicional como fazia o Diário da Manhã e o Nacional. Ele já fazia uma coisa meio diferente. Gostava de umas matérias mais chamativas, diferentes. Era mais popular. Ele sempre dizia isso pra gente. Hoje os jornais são mais diferentes, mas antes eram uns jornais mais de elite. Quem saía nos jornais eram os políticos, os comerciantes. E ele dizia que os jornais tinham que ir lá na vila, que não adiantava ficar botando só elite. Tinha que botar o povão lá da vila. Era semanal.

### ***7. Qual a contribuição do Expresso para o Jornalismo passo-fundense?***

Marcou o início de um jornalismo popular. Um jornalismo diferente do que era feito tradicionalmente, onde o povo não tinha muita vez (nos jornais mais tradicionais), a não ser nas colunas de polícia e o professor Edy não, ele começou a botar, o povo lá da vila tinha vez. Os jornais daqui só faziam cobertura de gaúcho e, na época, 14 de julho (nem era Passo Fundo ainda). E ele ia lá fazer a cobertura do futebol amador. O jornal dele tinha bastante venda por quê? Porque tu achas que botando a foto do timezinho lá da vila, de 11 caras, no outro dia não vai estar todo mundo lá comprando o jornal dele? Pra ver a foto deles ali no jornal? Então, ele tinha essa visão. Acho que ele marcou uma época! Era um jornal popular.



8. ***Edy era jornalista e professor, numa época em que os dois meios eram muito “complicados” por causa da ditadura militar. Como era o posicionamento político dele?***

Ele sempre foi contra a ditadura e sempre criticava, principalmente a censura à imprensa e, inclusive andou até sendo meio perseguido, sofreu alguma coisa nesse sentido de censura. O pessoal cuidava muito ele, principalmente por causa dessa ligação popular que ele tinha. Então, o pessoal ficava sempre de olho no jornal dele. Mas ele sempre foi um cara democrático, sempre condenou essa questão da ditadura.

9. ***Algumas pessoas o consideraram muito “diplomata” e o criticam por isso.***

Ah, não, ele não era um radical. Ele tinha a posição dele mas, digamos, ele não era um cara de “pegar bandeira” e ir pra rua ou participar de manifestação. Ele era aquele jeitão dele: calmo e tranquilo, mas sem dúvida que a posição dele sempre foi totalmente contra a censura ou qualquer coisa nesse sentido.

10. ***O fim do jornal teve algo a ver com a ditadura?***

Não, ele sempre contava pra gente que o jornal tinha terminado mesmo por falta de recursos. Não teve como tocar, parou e passou o resto da vida dele sempre tentando voltar.

Quando ele morreu foi a terceira vez que tentaram reeditar o jornal. A segunda ele tentou com os alunos, entre 78 e 80. Nessa época tinha até uma equipe boa de estudantes lá prontos pra ajudar. Mas daí não tinha condições... o maquinário não ajudava. Até ele comprou uma máquina, uma impressora plana, mas era de 1945, do tempo da 2ª Guerra. Chegou aqui e não deu, não funcionou. Ah, quando chegou a máquina nós ficamos todos entusiasmados “bah, chegou a



máquina!”. Mas daí não deu, não deu pra tirar...

*História do Primeiro nº em 1978:*

Fomos todos na oficina dele, aqui, mas daí a máquina não deu... daí nós fomos tirar em Erechim, aliás, Erechim não, Carazinho. Ficamos lá dois dias trabalhando direto numa graficazinha, só comendo sanduíche e água pra tirar o jornalzinho. O primeiro que nós tiramos nessa etapa com os alunos.

Um que tava junto nessa turma, que era aluno dele e que depois optou pelo ramo da publicidade era o Paulo Rigon.

### **11. *Na sua opinião, quais foram as maiores realizações do seu Edy Isaiás?***

Eu acho que ele se sentia realizado quando via um aluno dele tendo sucesso na profissão. Sempre que ele podia ele falava “olha, fulano e fulano foram meus alunos”. Acho que isso foi a maior realização dele.

### **12. *Mais que O Expresso?***

Acho que até mais que isso. A satisfação dele era quando via um aluno dele e citava “aquele lá foi meu aluno, aquela foi minha aluna”. Ele era tipo um paizão dos alunos, dos que passaram por ele lá no curso.

### **13. *Mais alguma coisa?***

Ele era carnavalesco. Desfilava na avenida com a Bom Sucesso. Outra das paixões dele era o carnaval.



## OSMAR GIAROLLO

**Ex-funcionário na gráfica dO Expresso, em 25/09/04:**

### 1. *Onde e como funcionava a gráfica dO Expresso Jornal?*

As oficinas dO Expresso funcionavam na Moron. Eu tinha 12, 13 anos. Eu lembro bem o funcionamento, como era feito. Ele tinha uma máquina manual, uma máquina que tu tinha que colocar o papel à mão, pedalar e ela funcionava com correias e prensava onde estavam colocadas as matrizes, pra poder sair o jornal. Era muito lento, um processo muito lento. Enquanto o Diário da Manhã e O Nacional já possuíam uma máquina semiautomática, que também o papel era colocado à mão, mas era por energia.

Eu me lembro que a gente funcionava a máquina no pé e depois tinha uma manivela pra dar mais força quando batia, prensava no papel. Era muito antigo o processo. Tudo manual. Não existia linotipo, que era na época em que estava iniciando.

Os outros jornais já tinham linotipo, mas o Edy Isaías, por não ter recursos financeiros, ainda não. Era tudo feito a dedo, como se dizia. Trabalhávamos em três e mais ele, que dirigia. Mas eram feitas só quatro páginas, então ficava mais fácil de editar. Trabalhávamos com umas 50 fontes de tipos, que eram os diversos tipos de letras. Era usada a caixa francesa, geralmente usada em tipografia. Mas ele tinha a caixa alemã, que era mais usada em jornal. Nas caixas estava o abecedário inteiro.



Montava tudo catando as letrinhas e montava no componedor, formando o texto inteiro. Colocava na galé ou bolandeira. Pra correção se usava a pinça. Depois de impresso desmanchava tudo de novo e guardava nas caixas.

Mas nós tínhamos falta de letras, então, em textos em que ia bastante acento ou faltavam letras, a gente improvisava. Às vezes misturava tipos de letras, usava zero em vez da letra “o”.

Usávamos negrito para destacar, letras góticas para poesia...

**2. *O que o senhor acha que levava o S. Edy a continuar com o jornal mesmo em condições tão precárias?***

Ele tinha muita sede, acho que tava no instinto dele essa área de jornalismo. Ele tinha poucos recursos, mas era uma pessoa que queria vencer. Eu me lembro, a gente trabalhava de noite, e depois ele nos garantia de nos levar pra casa... mas ele tinha muita sede de vencer... era o sonho dele. Então, ele buscava e cria que ele poderia vencer... mas como havia essa concorrência muito forte dos outros dois jornais, que podavam ele e tinham mais recursos, porque os donos são pessoas de bastante posses, daí ele tinha que fazer os preços mais baixos.

**3. *Dizem que os donos dos dois grandes jornais não se davam e que ele se dava com os dois. É verdade?***

É, e até escrevia pro Diário (eu cheguei a fazer bicos ali no Diário). Ele tinha muita força de vontade. Era um homem muito inteligente e esforçado. Ele lia muito, lia direto. Ele tinha, assim, um... era uma pessoa muito didática, sabia ensinar, sabia transmitir para as pessoas as coisas. Isso que cativava as pessoas, os outros viam isso. Só não cresceu porque foi muito podado por esses jornais que tinham mais recursos, senão ele



teria tido um sucesso bem grande, porque ele realmente tinha uma inteligência grande. Ele se destacava, na época, era uma pessoa muito bem relacionada em tudo que fazia. Ele era uma pessoa carismática, sempre rodeado de pessoas, sempre com gente o procurando.

Creio que por fazer muita coisa ao mesmo tempo ele não conseguiu atender a tudo. Ele também era professor (na época lecionava fora e nos deixava a encargo do “mestre gráfico” Alcides – eu acho, que tinha trabalhado no Correio do Povo, em POA).

Às vezes nós mesmos saíamos fazer as entregas do jornal para os assinantes, nas casas. Não eram muitos, acho que uns 300 exemplares em 65. Alguns eram vendidos, também, de porta em porta e alguns vinham buscar lá na gráfica exemplares. Havia, também, assinantes, o pessoal que ajudava a sustentar o jornal.

Os outros jornais tinham muito mais recursos e eram mais bonitos.

Naquela época as “fotos” eram clichês que eram, normalmente, esculpidos em madeira, uma espécie de carimbo. Tinha um irmão marista, o irmão Lucas, que fazia estas peças esculpidas conforme as encomendas desenhadas. Por ser feito em madeiras (e não em metal) ficava meio feio, borrado. A máquina não ajudava, os tipos eram de terceira mão (eles compravam, eu acho, ou conseguiram no Correio do Povo), ficava umas falhas porque alguns já estavam gastos.

#### **4. O que o jornal tinha de assuntos?**

Era notícias de Passo Fundo, a maioria, artigos. A parte de esporte, quem fazia era o Meirelles (Duarte). Os comentários eram do Jarbas Sampaio Correa, que mandava esses comentários de esportes.



Porque, na época, o futebol era muito forte em Passo Fundo. Tinham muitos times bons. Hoje não é nada! Tinha o 14 de julho, que era lá na baixada, onde hoje é a Rodoviária. Era chamado o Estádio da Baixada, Celso Fiore. Tinha o Esporte Clube Gaúcho, que era onde é hoje e tinham uma rivalidade muito grande.

Tinha o Riograndese que era o time dos Ferroviários – profissional – muito forte. E havia o Independente que, esse sim tava na segunda divisão.

Essas eram matérias muito fortes no jornal.

Ele, inclusive, era diretor de uma equipe de futebol “da várzea”. Ele era amante do futebol, do carnaval e se envolvia bastante. Eu não lembro o nome dessa equipe, mas me parece que era o Náutico, que era mais abaixo da chamada Vila Sapo, hoje Vila Operária... uma vila bem “pesada”.

Mas era numa época em que não existia arma de fogo. Era mais na base da força, da luta. Alguma notícia de briga era coisa corriqueira, coisa que acontecia nos “bailões” da época. Soco, raramente tinha morte. Quando tinha era por acidente. Até me lembro da notícia da queda de um avião na região do Capão Bonito, São João, tinha até um bispo dentro e foi uma notícia muito comentada no jornal.

Nos outros jornais havia horóscopo, no dele não.

Havia bastante anúncios, aliás, praticamente se preenchiam as páginas todas com anúncios.

**5. *Nessa época de ditadura, o senhor lembra da posição política do seu Edy, lembra de ouvi-lo comentar alguma coisa?***

Era assim, eu lembro, porque eles, como pessoas mais de idade, eram muito cautelosos. A gente sabe que, o Bar Oásis era famoso e mais pra cá tinha o Café Sonora e depois o Bar Gaúcho,



onde ele nos levava pra comer o “sanduíche farroupilha”, que era grandão pra gente poder ficar trabalhando de noite. Ali a gente via os grupos conversando, mas grupos fechados, não dava pra divulgar muito porque ia preso mesmo. O Edy era contra a ditadura, eu nunca ouvi ele falando abertamente, ainda mais que eu era muito novo e ele cuidava disso. Ele era contra.

Ele também lutava pela causa dos negros. Era na mesma época do Mandela, lá na África do Sul. O preconceito era grande aqui também.

### **6. *O senhor acha que o S. Edy se sentia discriminado por ser negro?***

Ele sabia que era negro, que era rejeitado, mas ele não tinha isso, nós três éramos brancos. Talvez por essa influência meus melhores amigos, na época eram negros e mais velhos.

Ele não era racista, porque senão não nos empregava.

Isso me lembra de novo o Mandela, que ficou 30 anos presos e, depois que saiu, eu me lembro até hoje que ele disse: “nem os 30 anos de cadeia, calaram a minha voz”. Depois ele até se tornou presidente.

O Edy era o tipo do Mandela, mas era mais na dele...

O Edy era muito cuidadoso, em todos os sentidos, com os menores. Ele emprestava a bicicleta pra nós entregarmos os jornais e fazia recomendações maravilhosas para não nos machucarmos. Ele dizia que em primeiro lugar eu tinha que cuidar de mim. Até quando eu ia trabalhar. Eu trabalhava na montagem e ele dizia, quando eu ia lá pedalar a máquina: “quero que tu saiba que, em primeiro lugar, tu tem que te cuidar, depois a máquina, depois... mas primeiro lugar você. Cuida os teus dedos, os teus pés”. Ele tinha muito cuidado para que as pessoas não se machucassem. E eu, mesmo depois, com tudo o que eu bebi, por causa desse cuidado que ele sempre



me recomendou, eu nunca me machuquei e eu já vi pessoas que se machucavam muito e já até perderam dedos, esmagaram as mãos. Mas eu nunca.

**7. *O Expresso era um jornal diferente em termos de público? Qual era a diferença, se comparado aos outros da época?***

Olha, eu lembro assim, que nós tínhamos textos pra conhecimento das pessoas, pras pessoas conhecerem mais da realidade. Tinha opinião. E era entregue em residências mais nas vilas. Aqui na Vila Rodrigues, na Cruzeiro. Não era mais para negros, não. Era em geral. Aliás, nem tinham muitos negros na época, que eu me lembre. E o povo, principalmente o da raça italiana, era muito racista.

**8. *Como Edy Isaías conseguiu vencer, superar essa discriminação e ser tão bem aceito?***

Eu creio que era pelo carisma dele. Uma que ele realmente estudou, buscava informações e tinha um conhecimento muito grande. Então, as pessoas eram quase que obrigadas a irem nele. Eram obrigadas a aceitar. Porque o conhecimento dele era muito grande. Era muito conhecido e se destacava por esse conhecimento que ele tinha e buscou fora. Ele trabalhou até no Correio do Povo, hoje Zero Hora é maior, mas na época o Correio superava jornais de São Paulo, até.

Eu saí de lá do Expresso e fui trabalhar na Gráfica Independência, que era do seu Mário Souza Santos, conhecido dele e, inclusive, eles se emprestavam materiais. E, ainda, nas horas vagas eu fazia bico ali no Jornal O Diário da Manhã, que era do lado da Gráfica Independência.

O professor Edy sempre quis um país livre, onde se



tivesse uma liberdade de expressão, como hoje, em que podemos nos expressar. Mas, naquela época, da ditadura, ninguém podia ter opinião, muito menos expressar. Quem dava opinião, podia ser detido e tinha que se explicar.

Foi uma pessoa que marcou minha vida. Hoje tenho 51 anos e me lembro muito dele. Lembro bem os detalhes da pessoa dele: aquela meiguice, aquele sorriso, sempre aberto, cativante. Sempre feliz, lembro do cuidado dele chamar atenção. Não era o tipo do diretor padrão que chegasse já, como dizem, “mijando” todo mundo. Não. Ele tinha muita sabedoria ao colocar as palavras



## SANTINA DAL PAZ

**Ex-diretora no Cecy, historiadora e colega na Academia de Letras, em 22/09/04:**

### ***1. Como conheceu o professor Edy Isaiás?***

Eu já o conhecia antes, mas quando era diretora do Cecy Leite Costa (fui a primeira diretora, de 1965 a 1970) ele precisava vir para Passo Fundo e ele estava em Marau. Eu não tinha a disciplina que ele lecionava, ele lecionava Francês e eu não tinha no nosso currículo. Daí, como ele era meu amigo e tal, então a gente conseguiu que ele viesse para Passo Fundo e ficasse no Cecy, então daí que eu fiquei conhecendo mais ele. Antes eu conhecia, mas superficialmente.

Ele foi uma pessoa muito amiga de todos. Ele era uma pessoa incrível! Como amigo... prestativo... qualquer coisa que eu pedisse pra ele, ele tava pronto pra fazer. Muito prestativo. E muito culto! Uma pessoa que tinha uma cultura extraordinária. Ele lia bastante. A leitura pra ele era uma coisa que o atraía muito. Então, até uma ocasião ele me contou que gostava muito da leitura e que quando ele estava lendo (e eu faço isso também, então eu sinto a verdade daquilo) “quando estou lendo, eu sento e leio...” (e os filhos dele eram pequenos ainda). Então ele dizia assim “ah, um passava pelo pescoço, outro passava por ali, outro gritava, outro corria e eu lendo o meu livro”, mas não se distraía. Não havia distração que o fizesse parar de ler. Então, ele era um eterno leitor. Por isso que ele entendia de tudo.

### ***2. Que tipo de leitura ele gostava?***

Ah, ele gostava de todo o tipo de leitura. Porque ele entendia de várias áreas, então a leitura dele era bem diversificada. Então ele não se posicionava em determinado



assunto. Ele lia bastante. Por isso eu consegui, pela Secretaria de Educação que ele ficasse professor substituto, já que eu não tinha o Francês no meu currículo, no currículo da Escola. Então, faltava um professor de Português, ele ia lá e dava Português e ele era bom no Português. Faltava um professor de História, ele ia lá e dava história e era bom em História. Faltava um professor de Matemática ou de qualquer outra disciplina e ele ia lá e não tinha problema e se ele não soubesse dar continuidade da programação do professor, ele arranjava um assunto interessante que pudesse estar com alunos atentos, que não fizessem bagunça. E as aulas dele não tinham nenhum problema de disciplina porque ele trazia assuntos bem interessantes pros alunos.

Então eu lembro dele como professor lá no Cecy Leite Costa, uma pessoa amiga de todos. Todos os professores gostavam dele e eram amigos. Amigo dos alunos, os alunos adoravam ele também. E, na parte cultural, ele foi uma pessoa que decifrava qualquer invenção.

### **3. Como foi a ideia de montar o curso de Redator?**

Ele deve ter vindo pra Passo Fundo em 66, quando o Cecy saiu do Salomão Iospi, porque a construção do Cecy ainda não estava terminada. Mas a gente tinha pressa de iniciar um curso ginásial naquele bairro, que só tinha o primário (depois vinham quatro anos de ginásio. Faziam até a quinta série, e esta era o admissional, então quem passasse no exame admissional entrava no ginásio e o ginásio teria quatro anos de estudos). Então, o Cecy passou pra parte nova em 66 e em meados de 66 ou 67 ele veio de Marau para o Cecy, aqui em Passo Fundo.

Na formação do curso eu não estava mais no Cecy, mas naquele período cada escola tinha que desenvolver um curso profissionalizante. Tinham que montar um projeto. Eu estava no EENAV e lá montamos um também. Lá no Cecy



montaram esse aí.

Como ele era jornalista, então aproveitaram a pessoa dele, que já estava lá, e montaram esse projeto. Foi um projeto que não durou muito... porque não durava, né?! Porque não tinha muito trabalho nessa área, então era um período.

Eles compraram maquinário, né?! Era o tempo dos tipos... hoje já é tudo moderno: off set, etc. Naquela época era tudo com as “pecinhas”...

Deve ter começado na década de 70, o curso, e depois veio curso de prótese. Hoje o Cecy é instituto e os cursos são todas coisas modernas.

**4. *Como a senhora avalia a importância desse curso, e do próprio Edy, na formação de novos jornalistas em Passo Fundo?***

Olha, eu sou bastante curiosa e não deixo passar nada. Então, eu trabalhava no Diário da Manhã e as meninas e rapazes faziam estágio de Jornalismo no Jornal. Então, quando eu encontrava com eles eu perguntava onde que haviam estudado e eles me respondiam que tinha sido no Cecy, com o Prof Edy Isaías e por isso estavam ali. Eles mandavam os alunos no jornal fazer estágio. Eles gostavam do que estavam fazendo e se encantavam e faziam estágio. Os que não se interessavam não faziam estágio, não interessava. Os que saíram de lá e que conseguiram concluir o projeto gostavam muito.

**5. *A senhora acha que a condição dele, de negro, teve alguma influência na vida dele profissional, positiva ou negativamente?***

Eu acho que o Edy foi muito respeitado aqui em Passo Fundo. Com aquela simpatia dele e com a cultura ele tentou até competir com o branco. Porque ele tinha cultura! Então, não



era comum um negro ter cultura. Ele se cercou disso aí. Foi uma atitude inteligente porque, sabendo da situação da negritude, ele “não, eu vou me cultivar e vou me sobressair”. Eu não sei se foi uma atitude pensada, mas ele foi inteligente em usar a cultura pra se projetar na comunidade.

**6. *A senhora nunca viu ninguém discriminá-lo por ser negro?***

Não, não! Eles adoravam o Edy! Eu, por exemplo, gostava tanto do Edy, que eu não via a cor, eu via a alma dele, a pessoa dele, a cultura dele, a bondade dele, aquela prontidão pra tudo que viesse, que aparecesse, como pudesse ajudar, ele ajudava. Ele pertenceu à Academia Passo-fundense de Letras e ele se projetava lá. A gente perguntava pra ele “Edy, o que você acha disso?” Ah, ele dissecava o assunto. Ele tava fazendo um livro e não conseguiu concluir. Ele tinha problema financeiro, por isso o jornal dele não ia pra frente. E ele era sozinho também, né? Esses outros jornais tinham um grupo de pessoas que começaram. O Nacional com os familiares do Gervásio Annes...

**7. *Então, a família Isaías era uma família de nome, mas não tinha sustentação financeira (a não ser quando o pai era vivo)?***

É. E o problema maior era esse, que ele mesmo se queixava do dinheiro. E ele era sozinho... Mas assim mesmo ele carregou O Expresso por muitos anos.

**8. *Qual a importância, na sua opinião, do Expresso para o Jornalismo em Passo Fundo?***

Olha, ele circulava bem, mas não diariamente. Era semanal. Era isso que ele (Isaías) podia oferecer pra



comunidade de Passo Fundo. E o pessoal gostava do jornal. Era muito bom.

**9. *Alguns têm considerado Edy Isaías um “acomodado” politicamente, por assim dizer, já que era tão inteligente e influente e não lutou como algumas outras pessoas que conhecemos. O que a senhora acha disso?***

O temperamento dele era assim, ele era uma pessoa calma, uma pessoa que você tinha toda a tranquilidade de chegar pra ele. Ele não era afoito, não era nervosinho, não era rapidinho pra chegar e falar contigo, do tipo “ah, não, hoje não posso!”. Não. Ele sempre podia ouvir. Ele gostava de ouvir, era uma pessoa carismática nesse sentido. Então, eu acho que esse “acomodar” não faz sentido pra pessoa dele, porque o acomodar é aquele que deixa passar o “lessez faire...”. Ele era, sim, uma pessoa calma. Por isso que eu contei aquilo que as crianças subiam nas costas enquanto ele lia e ele não via, o mundo dele era aquele. Então, é o tipo da pessoa, as características, e nós somos todos diferentes, graças a Deus por isso! Ele era um tipo assim, a gente nasce assim... Eu acho que ele não era um tipo acomodado, porque ele sabia tudo, não é? Se ele fosse acomodado ele não ia ler, ele não ia estudar, não ia se interessar, não ia fazer o jornal... Ele não teve era condições financeiras e uma ajuda. Podia surgir uma ajuda daqui e dali...

Nós temos tantos homens na história que foram assim... e temos outros que foram mais agressivos, que não admitiam, tipo Júlio de Castilhos e outros “ferrenhos” e “temperamentais”. Já outros são diplomatas, como Edy Isaías. Ele era um diplomata, tinha “jogo de cintura”, se dava pra ir ele ia, se tinha que dobrar a esquina, ele dobrava.

**10. *A senhora crê que ele foi uma personagem importante da história de Passo Fundo? Por quê?***



Sim, porque ele estava presente em todos os setores que o chamava – e chamavam porque ele era inteligente e muito capaz. Ele se destacou na Academia Passo-fundense de Letras, ele escrevia em jornais. Ele escreveu livros, mas não pôde publicar porque não tinha dinheiro e até hoje eles são publicados por causa de dinheiro. E nós temos outros assim na Academia: bons escritores que não têm dinheiro para publicar porque ninguém financia... a cultura é ainda bem sacrificada, a educação é sacrificada e vem.... só edita livro que tem ou quem pede ajuda pra empresários, e se não for amigo do empresário também não consegue.

### **11. Outras coisas sobre ele?**

Ele estava ligado à igreja de São Miguel, a família dele, algum antepassado dele que encontrou aquela imagem... Logo que iniciou a romaria foram os negros que iniciaram porque foram eles que acharam. O Edy contava e escrevia sobre isso.

Ele foi uma pessoa que marcou a história de Passo Fundo. Ele não foi uma pessoa que passou e não viveu. Ele viveu e marcou.

Nunca o víamos abatido, desiludido da vida. Ele tinha esperança, mesmo que uma esperança vagarosa.

Era um filósofo, um teórico e um sonhador. E como sonhava bonito!

Foi uma pessoa maravilhosa!



## M<sup>a</sup> DE LURDES ISAÍAS

**Esposa, em 25/09/04:**

o Ele tinha diabetes desde, mais ou menos, os 55 anos e faleceu com 67 anos, no dia 15 de agosto de 2001.

o Ele amava e idealizava colocar o jornal na praça de novo, mas como não era uma pessoa de “posses” muito grandes – porque pra colocar um jornal tinha que ter um potencial financeiro muito grande. Ele se fechava e ficava horas planejando, quietinho.

o Ele deixou contos curtos, que contavam pra ele quando era criança. Ele era uma criança assim, que quando olhavam pra ele diziam “ah, esse neguinho é neguinho apático! Ah, esse neguinho não vai estudar! Ah, esse neguinho só quer estar metido no meio dos velhos”. Então, ele ficava assim, junto, escutando as histórias que os adultos contavam e daí surgiram seus contos.

o Ele teve mais dois irmãos, ele era o do meio. E do outro, o primeiro casamento do pai, teve mais três irmãs: Zuza, Sebastiana e Tereza. Ele é filho do segundo matrimônio. O pai dele era militar, o tenente Eduardo Isaías. Ele foi servir, eu acho, nas revoluções de 30 e como ele era uma pessoa muito boa, uma pessoa de um conhecimento grande, um homem culto – o Edy puxou isso do pai. Naquela época não tinha curso de aspirante, então ele era o que ficava do lado do comandante, ajudando. Então, por causa das bravuras, porque participou de

diversos movimentos, então ele foi pegando posto. Até o ponto de, quando ele faleceu era tenente, e agora, minha sogra recebe como viúva de um capitão.

Eu convivi muito com meu sogro e minha sogra, o tempo de namoro, noivado e conhecimento. Porque as nossas famílias eram muito conhecidas, a família dele com a família da minha mãe, aqui da R. Independência. O meu vovô Pedro Dionísio Navarro e a minha vó Hortênsia, a vó Romana era “nega mina”, aquela negrona mina, bem grande, de cabelo bem engruvinhado, enquanto o meu vô era Portenho, era do Paraguai, da Argentina, por aí... então subiu da fronteira pra vir junto com os tropeiros, com os bois e daí, aqui, ele ficou trabalhando numa charqueada e nessa charqueada faziam baile e festa e ele conheceu a minha vó que era descendente de escravos. Uniram-se e tiveram oito filhos, tudo mulher (sendo só um homem). O meu pai era de outro reduto de negro lá de Santa Maria.

### **1. *Como Edy, um negro, foi parar no primeiro curso de Jornalismo do Sul do Brasil?***

Ele estudou porque o pai era militar. Era da Junta Militar. Era um homem respeitado na sociedade. O vô do Edy era descendente de escravos, era peão tropeiro, pobre e o pai dele, seu Eduardo, conseguiu ascensão social para ele e para todos os descendentes dele, por ter se tornado militar.

Então, o seu Eduardo falava que seu filho, o Edy, que foi militar também, ia ser um homem estudioso, um homem que vai estar do lado da sociedade, sempre sendo o destaque”. Isso ele plantou neles (os filhos). Então ele dizia “meu filho você tem que estudar pra ser igual, ou talvez melhor, que o filho do compadre”. Que era um branco, amigo dele do Exército, que os filhos iam pros melhores colégios, que tinham cabelinho bem lisinho. “Tu tem que ser melhor ou igual aquele ali”, mas não desmerecendo o outro. “Vai junto e tu te destacas!”. E o Edy

foi subindo, galgando os degraus da cultura e sabendo que era capaz pra isso!

Ele foi respeitado, conseguiu destaque e não fez mais por causa da questão financeira. Porque ele não era um homem egoísta, que não queria ter grandes coisas e se contentava com o que tinha, aquilo ali bastava, sem que a família passasse nenhuma necessidade, então ele acabou sendo barrado pela questão financeira. Formamos quatro filhos, sendo um do coração... então, dá pra dar comida? Dá pra dar remédio? Dá pra dar formação, educação? Dá! Então tá tudo bem! Temos uma terrinha pra morar, então tá tudo bom!

Mas cultura, não! Isso tinha que ter! Ele lia! Ele lia, menina! Ele lia assim... livros e livros! Esses dias, cheia de dó, eu tive que colocar muito livro fora. Ele lia literatura, Machado de Assis, José Lins do Rego.... Crônicas, Revistas, Jornais de São Paulo, a Folha, do Rio. Isso sim, ele comprava muito jornal! Porque o primeiro emprego dele foi no jornal de POA, no Jornal do Comércio, depois ele foi pro Correio do Povo. Ainda solteiro, enquanto estudava. Entre 54 e 58, porque depois ele se formou e veio pra Passo Fundo, casamos.

A minha sogra conta que o sonho dela era ver o Edy médico. O Edy saiu daqui pra fazer o vestibular pra medicina, em Porto Alegre. E pai e mãe, todo mundo sabendo que ele ia ser o médico da família. Ele foi fazer cursinhos em POA, porque tinha muitos amigos lá. Ele tinha um amigo muito chegado que foi junto. Ele chamava o Condine de “o meu irmão branco” e ele, também, dizia que o Edy era o “meu irmão preto”. Ele já é falecido também. Lá nos cursinhos, se preparando, ele disse pro Condine “não, eu não vou ser médico! Vou ser médico, até, mas médico da literatura, médico da cultura literária. Tô vendo que a minha vontade é ser Jornalista”. Daí ele fez vestibular pra Jornalismo e passou muito bem classificado na PUC e a PUC não era gratuita, só entrava pra PUC filhos de grandes estadistas riograndenses, gente do interior que ia pra lá era só filho de médico, de fazendeiro, filho de gente que tinha dinheiro pra



sustentar os estudos dos filhos. Então, o que o pai e a mãezinha fizeram: “tudo bem, vamos dar educação pro Edy!”. Graças a Deus essa foi a herança que o Edy recebeu dos pais: a educação. Nunca faltou nada pra ele: livros, viagens a estudo, tudo.

O João Carlos Condine era um amigo – a família dele tinha um comércio ali perto do Clube Comercial, na Avenida Brasil – e eles se reuniam justamente pra escrever ou pra discutir assuntos entre os dois. Os dois.

## **2. *Quais são as coisas importantes para se lembrar sobre Edy Isaías?***

O Edy era um apaixonado pelo Clube Visconde do Rio Branco, ele escreveu muito sobre esse Clube. Porque esse clube nasceu no terreno da casa dele, os primos e irmãos da minha sogra que fundaram o clube. Todo negro era festeiro e viviam se reunindo pra festejar. E resolveram formar uma sociedade. Ali ele via união, ali o pai e mãe de conheceram, outros casais, tudo ali. O pai do meu sogro foi o presidente, daí o compadre foi o seguinte – este era vô do genro do seu Eduardo, do pai da irmã do Edy. Aí depois esse senhor passou a presidência pro meu avô. Então, o Clube foi passando de mão em mão sempre na família. Hoje ele tá bem danificado, tá desativado, mas tá ali, o gigante da Morom, do qual hoje eu sou a presidente, desde a morte do Edy, que era o presidente quando faleceu. Se Deus quiser vamos reativá-lo. Eu entrei na política pra isso, pra dar continuidade à cultura dos que me rodeiam e da sociedade de Passo Fundo.

No domingo, os velhos se reuniam no Clube pra contar histórias, discutir a situação política e casos familiares. Iam na Missa das 9, na Matriz ou na Catedral, e depois iam pro Visconde do Rio Branco. Depois de meio-dia todos subiam pra suas casas ou resolviam fazer alguma coisa, uma comida ali pra eles comerem. Chovesse ou ventasse, o domingo era reservado pra eles (homens influentes da cidade, negros e



também brancos) colocarem a conversa em dia ali no Clube. Então descia Dr. Daniel Dipp, descia a família daqueles que tinham lá na Morom – os Morsch, a família aqui dos Madaloso. Então era assim, eles se juntavam pra conversar, pra botar os assuntos em dia. Por quê? Porque eles se davam muito bem, eles não tinham essa coisa de discriminação. Não era só negro, não. Eles se davam, todos.

Nos últimos tempos ele escreveu sobre o negro, mas logo de início ele escrevia de tudo, sobre a saúde, sobre a parte de criminalidade, a parte de cultura, a parte social, econômica, agricultura, ele escrevia de tudo, acho que até escrevia por Nacional também.

Na época da ditadura eu tinha até um certo medo, ficava apreensiva quando ele saía porque, naquela época andavam caçando e o Edy era aberto, ele falava o que ele queria, ele escrevia o que ele queria. Nunca foi chamado à atenção, ou veio alguém aqui dentro de casa pra dizer “ó, para, tu não escreva mais isso!”. De vez em quando os amigos diziam: “ó, Isaías, cuidado, tu tá entrando demais ali, tu tá entrando demais aqui, cuidado!” Ele respondia “não, eu tô falando a realidade e quem quiser me prender que venha aqui”.

Ele foi muito contra a ditadura. Teve até um tempo que ele teve que ficar meio parado. O Edy usava um casacão preto, óculos escuro e chapéu, tu olhava ele e todo mundo já sabia – aquilo era tradicional dele. Então ele escreveu coisa meio pesada, sabe? Mas ele sabia escrever! Ele botava tudo aquilo que tava acontecendo de uma certa forma que não melindrava nem pra ele, nem pra quem lia, nem pra quem tava naquela época comandando. Ele tinha uma maneira de escrever tão aberta e profunda que não... tu entende? Ele disse o que tinha que ser dito na época. Ele era muito ponderado. Ele sabia a hora certa de se manifestar. Porque ele sabia que era uma época de ditadura, onde o Brasil estava passando por uma série de dificuldades e problemas. Se ele largasse qualquer coisa que viesse contrariar as ideias do momento, a pessoa dele seria prejudicada, o



trabalho dele seria prejudicado... então ele ponderava e nessa ponderação o pessoal achava que ele era submisso, que ele era medroso ou que ele não queria falar, ou não sentia nada. Pelo contrário!

Não sei se por ele ser negro ou por saber mais do que os outros, mas ele foi muito “bitolado” pelos outros. Criticado, entende? O que ele fazia, as pessoas não concordavam e criticavam, ignoravam o que ele dizia, às vezes. Por exemplo, ele já falava em cotas pros negros desde aquela época, mas junto com outras condições de vida necessárias. Ele dizia “olha aí, Lourdes, tão falando essas coisas de mim porque eu só falo a verdade”. Um dia ele falou “um dia isso vai aparecer, eu tô falando a verdade!”.

Era muito católico, vicentino. Ajudou o grupo que cuidava do Hospital São Vicente de Paulo.

Houve três tentativas de fazer funcionar O Expresso. A primeira foi a criação, na década de 60. Depois, com alguns alunos tentou reeditar em 78 – que não vingou. E da última, logo após sua morte. O Expresso foi um sonho dele que ele deixou preparado. Nós é que reeditamos após morte. É um sonho dele! Tudo isso aqui (mostrando os últimos números do jornal) foi depois que ele morreu. Os textos dele são textos reeditados também. Ele fazia tudo, batia, fazia os “bonecos” do jornal. Ele mesmo armava. Deixou também livros escritos, em forma de rascunho, de próprio punho.

Em 1967 já estava em decadência o jornal, por problemas técnicos. O auge, creio que foi no segundo e terceiro ano (1962/63/64). Ele tinha uma postura!! O Edy comprou uma máquina e todo o jornal ele escrevia, fazia o “boneco”, mas daí ele ia trabalhar (dar aula) e deixava dois rapazinhos que ele ensinou pra compor. Deixava tudo escrito e dizia que quando voltasse era pra estar tudo pronto. Era como um móvel grande cheio de gavetas. Tinha “a” maiúsculo, “a” minúsculo, “ã” gráfico... às vezes não tinha uma pecinha de



acento, ou uma letra e daí tinha que misturar. Tinha um tipo de letra só pra manchete e ia armando toda a composição numa tabuinha e botava tipo numa caixinha e fechava e outro levava pra máquina e arrumava. As fotos, como é que ele fazia?!!! Não tinha computador. Ele fez uma caixa com um vidro onde ele colocava os desenhos e passava uma fórmula líquida e punha no sol e daí podia imprimir. A máquina não era elétrica, era rodada pela gente, eu mesma rodei muitas vezes aquela máquina.

Por ser negro e por ser pobre, ele sofreu, mas ele ultrapassou essa barreira através do conhecimento e da cultura dele. Ele somou muito! Por que Passo Fundo conhece o Edy? Porque ele influenciou. Ele fez as coisas e fazia o correto.

Foi mais marcante na vida dele ter formado outros jornalistas. O jornal passa, passou. Mas os que ele formou estão aí até hoje, trabalhando e levando o jornalismo adiante. Até no exterior - EUA, como um que estudou aqui e foi aluno dele em Erechim e em Passo Fundo. Até, na morte do Edy ele falou na televisão (um canal de Tv a cabo), lá dos EUA, na morte do “meu grande professor”. Ele se dedicou muito a esses alunos!

### ***3. Como ele era em casa, com a família?***

O Edy foi uma pessoa que não nasceu por mero acaso, não. O Edy nasceu pra marcar uma bandeira na formação de uma sociedade. Como negro, como pai, como marido, como avô, como estudante... em tudo ele se destacava, levava tudo parelho.

Ele não era daquele tipo boêmio. Ele até ia pra noite, daí chegava tarde e me dizia “iiih, já tá brava! Mas eu tô trabalhando, eu não tô como os outros. Eu tô procurando notícia”. E ele ia atrás da notícia. Ele se dava muito com todos, com todo tipo de pessoas, convivia, mas nunca fumou, nunca bebeu. Era um paizão! E como esposo eu não tenho nem como te dizer: pra mim foi um amigo, um companheiro, um confidente, um marido,



aquele do dia a dia que eu podia deitar minha cabeça no ombro dele e dizer “olha, Edy, hoje eu tô assim, eu to arrasada!”. E ele dizia assim pra mim: “calma, Lourdes, calma... tu tá agora, nesse momento, mas daqui a um minuto é outra coisa. Vai... vamos junto...”. Era conselheiro... tu sabe que eu tenho uma irmã que até hoje – já vai fazer 3 anos que o Edy faleceu – mas ela chega aqui e diz “desculpe, Lourdes, o Júlio (marido dela, né?) fica até bravo ‘ai, Alzira, o que que a Lourdes vai pensar? A gente fala no Edy e tu te debulhas chorando!’. Mas ela tinha nele aquela segurança! Começando nos partos dela: ela não ganhava os filhos se o Edy não chegava na sala. Eu não tinha ciúmes porque eu sabia que era uma amizade, né?! Então, quando ela ia pro hospital pra ganhar os bebês, naquela gêmeção, o meu cunhado ficava pro lado de fora e o Edy tinha que entrar e caminhar com a Alzira de mão. “ah, Alzira, respira! Respira que o nenê já vem! Te acalma que o nenê já vem!”. Ele fazia isso comigo também! O único filho que ele não conseguiu ver nascer foi o último, o Francisco, porque eu tava nos momentos das dores daí ele perguntou pro doutor quanto tempo e o doutor falou “não, só daqui uma hora”, “então eu vou em casa ver os outros”, porque os outros pequenos ficaram em casa. Quando ele chegou eu já tava com o Francisco no colo. Daí ele dizia “danada! Viu, toda metida! – ele dizia bem assim pra mim! – Esse tu quis ganhar sozinha, né? Não quis que eu visse!”. E ele era muito assim, qualquer coisa que eu fazia “ah, tu quis fazer... agora arca com as consequências! Não venha chorar!” Com o dedinho, coisa mais adorada! “Não venha chorar! Caaalma, você procurou! Então vamos resolver! O que que há? Senta aqui! É dinheiro? Nós não temos agora? Mas nós vamos ter amanhã!”. Era sempre assim! A minha cunhada que teve aqui, a Geni, também. Eles se davam assim como se fossem irmãos! Eu olhava e dizia “como eles se afinam!”. Eram confidentes. Ela, às vezes, chegava com um problema “desse tamanho”, daí o Edy conversava com ela e ela já dava risada, no fim já saía rindo.



#### 4. *Qual o papel da leitura na vida dele?*

Tudo que ele disse e fez era porque ele lia muito! Ele dizia tanta coisa, sabia explicar tanta coisa que, às vezes, ouvindo ele falar, eu ficava até admirada! “Edy, de onde tu tira tanta coisa?!” “Eu faço o que tu não é acostumada a fazer, eu leio!” Só o que ele me dizia! E lia mesmo! Devorava livros e livros e procurava as informações, como tu tá fazendo agora, pra confrontar o que lia e aí surgiu o grande arsenal que o Edy tinha: da leitura!”.



## M<sup>a</sup> DE LOURDES ISAÍAS DA CRUZ

**Irmã, em 07/10/04:**

**1. *Como foi a infância do Edy? Que tipo de criança ele era? Que coisas gostava?***

Até uma certa idade o Edy era muito quieto... nós tínhamos um outro irmãozinho mais novo, que era até mais esperto do que ele (faleceu com quatro anos). O Edy não, parecia meio “patetinha”, quietinho. Até o outro fazia aquelas brincadeiras... empurrava, derrubava ele e ele calmo, aquela coisa assim.... Mas depois, mais tarde, ele começou a parece que desabrochar. Gostava muito de brincar com os primos, o Paulo e o Walter Isaías (que já são até falecidos também). E eu (era mais velha, mas ainda era criança) com a minha irmã Terezinha, quando já morávamos aqui, brincávamos de boneca. Então, nós arrumávamos no pátio as bonecas, as casinhas. Aí, um dia nós viemos pra dentro pra tomar café e ele e os primos cortaram todas as nossas bonecas e iam incendiar as nossas bonecas! Mas nós chorávamos depois “olha o que eles fizeram!” e ele ria. Aí ele já começou a se manifestar mais “danadinho”. Acho que aí ele tinha uns oito anos, não me lembro bem... Também, quando ele tinha uns amigos que eram primos do meu pai, de quem ele era muito amigo e posava na casa do Nelson e do Nei. Inclusive, às vezes, quando os pais iam nas festas eles vinham posar aqui e a mãe e o pai gostavam muito de plantar (porque o terreno ia até o fim, lá na Morom e era aberto pra lá também). Eles plantavam milho, plantavam couve, abóbora, tinham galinha. E eu sei que quando esses amigos (que eram meio parentes de longe) vinham posar aqui (a mãe e o pai também ia nessas festas, principalmente em baile, no baile do Visconde), os guris levantavam cedo (porque a mãe dizia,



vão brincar pra longe pra me deixar dormir). Sabe o que eles faziam? Pegavam as abóboras da mãe, as morangas da mãe e calavam, como de primeiro... faziam aqueles triângulos como fazem pra ver se a melancia tá madura, sabe? Cortavam todas as abóboras e as morangas e, quando a mãe e o pai levantavam diziam “mas o que que vocês fizeram?”. Mas levavam tudo na brincadeira, porque ele (Edy) ficou sendo o único filho homem (porque o meu irmão mais novo faleceu com quatro anos, né?), então ele ficou sendo o único homem, porque sou eu e mais três irmãs do primeiro casamento do meu pai. Então ele era o único menino na família.

## 2. *Essas irmãs moravam com vocês?*

Moravam. Primeiro elas moravam com a minha avó, mas daí a vó morreu e elas vieram morar conosco aqui. Era a Sebastiana, Almerinda (que o apelido é Zuza) e a Terezinha, que mora aqui, ainda, com a mãe.

Bom, ele era o único filho homem, então ele era muito paparicado, né? Principalmente do lado do pai, porque o pai sempre quer um filho homem pra continuar a família, né? Então ele foi o único que sobrou. Então, ele fazia essas artes, essas “danadezas” e não era castigado. Só falavam com ele e tudo, “tudo bem”, passava.

Outra brincadeira que eles faziam, ele e esses parentes distantes, quando vinham aqui pra brincar, pegavam as galinhas da mãe e quebravam as pernas! Ele era “danadinho” quando criança. Bem “danado”. Ele gostava de fazer “danadeza” no pátio e gostava muito de carrinho. Gostava de instrumentos musicais, uns violãozinhos, cavaquinhos, sei lá... brincavam um pouco e já estragavam. Botavam no tanque pra lavar e desmanchavam.

Era uma criança normal. Nós tivemos uma infância muito boa!



Daí nós fomos embora pra Carazinho. Lá ele começou a gostar muito de leitura. Ele saía da aula e ficava na Biblioteca. Ele lia, assim, a Coleção do Monteiro Lobato ele lia inteira!

### 3. *Que idade ele tinha quando começou a gostar de ler?*

Acho que ele estava com uns 10 anos, quando despertou aquela vontade de ler. Então ele lia, chegava em casa, daí a gente se reunia (porque naquela época não tinha a televisão, era só rádio), daí a gente se reunia e ele começava a contar aquilo que ele lia. E isso continuou até depois, quando adulto, como pai, como avô. Ele sempre gostava de contar o que ele lia, o que ele via, né? Aí sentava e contava, e tinha um “cacoete”, não sei se a mãe lembra, eim? “Aí, depois, a Emília saiu...” e ficava “e daí, e daí, e daí” e coçava a cabeça. E nós dizia “que que adianta a história ficar ‘e daí?’” Ele às vezes não lembrava bem... Eu sei que ele devorava a biblioteca da escola pública onde nós estudávamos o primeiro grau. Ele adorava ler.

Depois, já estava adolescente e já tinha outras amigas e começou a se interessar por cinema. Ele fabricou uma filmadora... com a lente de um binóculo velho do pai (que era militar e deu pro Edy). Pegou aquela lente que era a lente da máquina de passar o filme. Daí ele mesmo fez uns desenhos... Ele gostava muito de cinema, ele ia nas matinés de cinema e via filme de bang-bang... Então ele pegava papel de seda e desenhava aqueles, assim, com revólver... o mocinho atrás do bandido... Quando chegava a noite ele apagava as luzes, reunia toda a família e ia passar os filmes dele. E nós lá, todo mundo bem feliz da vida, assistindo. A gente achava interessante aquilo que ele fazia, né? Ele era um pouco assim, como é que a gente se diz? Ele gostava de inventar as coisas, até os brinquedos dele! Até antes dele fazer essa filmadora, ele fazia uns brinquedinhos de madeira, ele mesmo. Acho que ele viu alguém e daí chegou em casa e manualmente ele fez: tinha duas



varetinhas, assim, e um bonequinho no meio com um barbante. Quando apertava as varetas o boneco dava cambalhotas. Ele inventou isso, também e a filmadora. A filmadora ficava toda a família assistindo.

#### 4. *Essa “filmadora” projetava na parede?*

Projetava na parede! Isso mesmo, e ele que inventou! Ele era muito inteligente, só que não gostava de estudar (rsrsrsr). Ele não gostava, até tirar o Ginásio ele estudava o suficiente pra passar. Daí o pai e a mãe diziam: “mas Edy, tu é inteligente! Aproveita a tua inteligência mais!”. Nessa época ele já estava lá no Ginásio La Salle em Carazinho. O pai e a mãe diziam “Edy, os irmãos (padres) dizem que você pode ter melhores notas!” E ele levava tudo “na flauta”. Mas quando chegou no curso superior, daí ele já assumiu bem. Ele era muito criativo! Gostava de desenhar! Gostava de imitar os mocinhos dos filmes. Tinham um guri em Carazinho, um vizinho... a nossa casa ficava numa descida, mas embaixo e a do guri ficava lá em cima e ele e esse amiguinho colocavam uma escada, se vestiam de umas capas que tiravam de guarda-chuvas e se atiravam lá de cima dizendo que eram super-heróis. E eu ia brincar com a irmã desse Lino e nós ficávamos só olhando eles se atirando da escada.

Nunca se machucou sério.

Ele gostava muito de escotismo, também. Ele foi escoteiro em Carazinho, onde começou e depois veio pra cá e tinha um grupo, também. Ele tinha um nome... como é que era?... “chefe água!”, era o nome dele. Porque os escoteiros sempre pegam nomes de animais, né? Eu sei que ele adorava escotismo! Quando ele foi pros escoteiros ele aprendeu a cozinhar e já estava mais ou menos com uns 15, 16 anos. De vez em quando ele cozinha, fazia os pratinhos dele. Mas eles gostavam mesmo era de acampar.



### **5. *Ele ajudou a montar esse grupo em Passo Fundo ou só participava?***

Não! Ele que montou! Como era o nome?? (alguém na casa ajuda a lembrar). Escoteiros do Ar Salgado Filho! É, parece que era Salgado Filho.

Ele gostava muito de escrever, também. Aliás, quem gosta muito de ler, gosta de escrever, não é? E ele até deixou livros escritos que estão com a esposa dele e nós mesmo nem sabíamos que ele tinha deixado. Ele deixou bastante rascunho.

### **6. *Onde ele serviu?***

Primeiro em Uruguaiana, depois o meu pai conseguiu pra ele vir aqui pra Passo Fundo, pro batalhão daqui.

Aí eles vinham do quartel, tiravam o fardamento e iam pras festas.

Sei que, um dia, nós queríamos ir no cinema, eu e uma outra irmã mais velha do que eu. Daí eles disseram “não, não, nós não podemos levar vocês no cinema.” (naquela época nós só podíamos sair se fosse com o irmão ou com o pai). “Não podemos porque nós temos uma festa ali embaixo, na Independência, que nós temos que aproveitar”. Então tá! Naquela época tinha o Sesc, que passava os filmes nas ruas e veio casualmente numa vizinha da Rua Morom e nós ficamos assistindo o filme. Dali um pouco nós olhamos e vimos “mas não é o Edy e Walter? São eles!”. E eles riam, mas riam. Nós perguntamos o que aconteceu e eles responderam: “Não deixaram nós entrar na festa! Disseram ‘os Isaías aqui não entram!’”. Acho que eles faziam anarquia nas festas! Aí nós dissemos “viu, olha aí! Vocês não nos quiseram levar no cinema, viu? Foram barrados no baile!”

Namorado... bom, ele teve algumas namoradas, mas não foi muito, assim. Ele gostava de festa sem compromisso.



**7. *Como é que foi ele ter escolhido, primeiro, Medicina?***

Acho que era o pai e a mãe que queriam que ele fizesse Medicina. Sabe como era, naquela época... Só quando ele voltou de lá, de Porto Alegre, ele falou “olha, eu não passei no vestibular de Medicina, mas eu escolhi Jornalismo!” O pai ficou meio assim, né? “O que é que eu vou fazer? É a tua vontade. Tu gosta...” Ele até disse assim pro Edy: “Olha, Jornalismo, depois tem que ser dono de jornal, tem que ter dinheiro e nós não temos, a gente é pobre, nós não podemos”. Mas era o que ele gostava, né? Sei que ele até fez estágio no Diário de Notícias, que existia em Porto Alegre. Ele fez Jornalismo na PUC. Depois, aqui em Passo Fundo ele fez Filosofia e começou a lecionar.

**8. *Ele fez concurso pro estado, pro magistério?***

Não, acho que ele não precisou fazer concurso. Ele entrou naquela época que não precisava. Depois eles até estavam exigindo concurso, mas disseram que os professores que tivessem dez anos ou mais de magistério seriam automaticamente efetivados, nomeado. Então ele nunca precisou fazer concurso.

**9. *Até hoje é muito difícil a vida da maioria dos negros no Brasil. Mas percebe-se, que vocês, apesar disso, não se sentem “inferior” como negros. A que se deve isso?***

Aos pais! A gente sabia que o negro era discriminado, né? Daí então, quando nós começamos a estudar o pai e a mãe diziam “olha, pro negro tudo é mais difícil! Então, se o branco estuda X, o negro tem que estudar Y, tem que ir adiante, senão não consegue nada. Daí então a gente sempre se esforçava, tudo que fazia, fazia com vontade, com amor, com honestidade, né?



E aí a gente foi vencendo todas as etapas. Mas quando fomos embora pra Carazinho, lá no Aparecida (colégio), eu senti o racismo que eu não sentia aqui. Aqui em Passo Fundo, pra mim, não existia diferença entre negro e branco. Eu tinha minhas amigas brancas, minhas amigas negras, tudo e eu me sentia bem. Quando cheguei em Carazinho nós sentimos aquele impacto porque havia separação do negro e do branco. É no colégio que eu estudei o Ginásio não tinha tido nenhuma aluna negra! Eu fui a primeira. E o Edy foi o primeiro negro no La Salle. Aí nós começamos a estudar e se dedicar mais aos estudos pra mostrar que o negro era tão competente, tanto ou quanto o branco, ou até mais, às vezes. Quando eu comecei o Ginásio eu me lembro que tinha uma irmã, muito querida, que foi irmã de música, parece. E ela sentiu que as minhas colegas (e eu não dava bola, cumpria com a minha obrigação... se quisessem me procurar, conversar comigo ou não, tanto fazia) e era uma irmã carioca e ela, num período de aula, fez uma preleção pras minhas colegas... pra toda a turma, falando sobre racismo, sobre discriminação, mas falou, falou, falou, falou! Que todo mundo era igual, que todo mundo era filho de Deus, que a padroeira do Brasil era N. S. Aparecida – que o nome do colégio já trazia – que era a santa negra... mas eu sei que ela tocou em todo mundo e dali em diante as minhas colegas começaram a me procurar e saiu um pouco aquela barreira. Foi lá que eu comecei a sentir aquilo, porque aqui não, em Passo Fundo não sentíamos nada. Porque naquela época, nós tínhamos o nosso clube e os brancos tinham os clubes deles. Pra nós aquilo era normal, vinha dos nossos pais, dos nossos avós, então a gente procurava sempre ir no que era nosso, né? Até, quando o meu pai era oficial, fizeram ele se associar no Comercial e ele até se associou, mas nós nunca manifestamos o desejo de ir dançar no Comercial. Aqui, nessa parte, era bem racista! Negro não entrava no Comercial, nem no Caixeiral, nem no Juvenil. Mas pra nós era a mesma coisa, porque nós tínhamos o nosso clube e nos divertíamos muito bem. Tranquilos! Aí, quando chegamos em Carazinho é que a gente sentiu bem aquela



diferença. Só faltavam fazer que nem nos EUA: onde passava o negro na calçada o branco não podia passar! Quase que faziam isso. E a roupa do negro lá era diferente da roupa do branco. E nós, não, viemos de Passo Fundo, nós acostumado aqui, o que gostava, o que podia comprar a gente comprava e usava e o que era na moda. Aí, lá, começaram assim “vieram agora uns negros metidos pra cá pra Carazinho!”. Depois foi indo, foi indo e terminou aquilo, eles começaram a nos aceitar.

**10. *Muitos negros, eles mesmo, se sentem em posição inferior. A gente não vê isso na família de vocês. Como foi o incentivo que vocês receberam para serem desse jeito?***

Olha, era principalmente a parte dos estudos que ele e a mãe nos incentivavam muito. Ensinavam a gente a se dedicar muito, a ser bom, fazer muita caridade com as pessoas, sem esperar a recompensa. Era isso aí. Ele sempre nos incentivou. “Vocês estudem bastante porque a maior e melhor herança que nós podemos deixar pra vocês é o estudo, é a cultura!”. Nessa parte eles sempre nos incentivaram muito. E também ensinou a gente não discriminar ninguém. Seja pobre, ou seja mais ou menos, branco ou preto, índio. Quem bate na nossa porta, receber bem!

E a mãe sempre me incentivou, porque desde que ela era nova ela sempre quis ser professora, mas os pais não podiam dar o estudo, então ela disse que ela ia se realizar através de mim. E eu gostei, também, do magistério, então fui ser professora. Mas eu sempre dizia que, se naquela época aceitassem mulher no Exército, eu ia para o Exército. Eu ia ser militar. De oficial pra cima, eu não queria começar como soldado! Eu queria ser tenente já. Agora tão aceitando, né? A minha sobrinha e filha não quiseram, mas se fosse comigo eu ia. Afinal, o negro tem que se destacar é assim: é na parte da cultura, é na parte da humanidade, ser humanitário, ser bom... pra apagar aquela



coisa ruim que nosso antepassados tiveram, né? Mas é bem como você diz, o negro se retrai... quando chega num local onde ele não é bem conhecido... ai, ele já fica... com medo de se entrosar com as pessoas... Não! A gente é igual qualquer um! Não vai fazer bobagem, não vai fazer escândalo, né? Essa parte aí tem que procurar vencer. Mete a cara!

**11. *Falando em antepassados de vocês, quem que começou a dar essa “volta” na família? E que mudou o rumo da família?***

Foi meu pai, foi meu pai. Ele, também, lutava com muitas dificuldades porque os pais dele eram pobres, né? E ele foi servir no Exército e foi estudando aos poucos, né? Mas não pôde cursar a Academia, porque os pais dele não podiam sustentar, né? Porque ia pra Porto Alegre, depois ia pro Rio... Mas como ele prestou serviço em revoluções, então ele teve, ele passou pra Sargento, pra Subtenente, pra Tenente, pra Capitão, por causa dos bons serviços que ele prestou no Exército. Dali em diante nós começamos...

Ele lutou as revoluções de 30, de 32... essa que passou esses dias na televisão, pra botar o Getúlio no poder. Foi em duas, nessas duas. E por causa dos bons serviços ele foi galgando os postos mais avançados e ele gostava, meu pai era militar mesmo, bem “Caxias”. Até na família, até na nossa educação. Tínhamos horário pra tudo. E quando a gente é criança gosta muito de brincar, mas chegava do colégio, estudávamos de manhã, almoçávamos e depois queríamos brincar... Huhum, às duas horas todo mundo estudar. E a gente ia estudar e, enquanto não terminasse os temas, não ia brincar. Então era assim. E se a minha irmã mais velha (uns quatro anos mais do que eu), eu e o Edy queríamos ir no cinema, na matiné no domingo e a irmã queria ir junto tínhamos que esperar “vão os três, nenhum na frente do outro” e essa nossa irmã era muito indecisa. Tinha um filme muito bom que nós queríamos ver



e ela também, e nós já estávamos na porta aqui de casa, uma casa velha, pra ir pro cinema, pro Coliseu e ele disse “esperem a irmã de vocês porque vocês não vão na frente, tem que ir todo mundo junto, senão não vai ninguém”. Tá! Quando a gente já tava na porta ela disse que não queria ir mais. “Pai, agora dá pra ir?” “Dá!” Daí a gente chegava na porta e daí de novo ela queria ir, umas três vezes ela fez isso. E o pai “esperem!” Mas quando ela foi, da terceira vez, nós chegamos no cinema e não tinha mais lugar. Perdemos o filme.

E era assim. Se tinha que ir numa festa, vai a família inteira, nada de um na frente e um depois, vai todo mundo. E horário pra voltar ele também estipulava: “tal hora tem que estar em casa”. E era assim.

Ele também cuidava muito com quem a gente andava. Daí a gente acostudou e daí nós mesmos, em certas coisas duvidosas, a gente já não ia. A gente se acostumou assim.

A nossa educação foi ótima, o que ele nos transmitiu, foi tudo jóia, muito bom, foi pro nosso futuro mesmo – ele e a mãe. Nos cuidaram muito!

## ***12. Mais alguma coisa que queira dizer sobre o seu Edy?***

Olha, ele era um irmão muito querido, não embrabecia, não brigava com ninguém. O Edy era daqueles que se levasse um tapa aqui (no rosto) virava o outro lado. Eu me lembro tão bem que às vezes, não sei porquê, eu ficava muito braba com ele e dizia assim: “mas agora eu vou lá falar com o Edy, onde já se viu fazer isso, isso e isso”. Eu chegava perto dele e ele dizia “o que foi, Maria?” E aí, antes de eu falar ele começava a me contar uma história e ele tinha aquele cacoete de ficar coçando a cabeça e a gente ria bastante. Pronto. Ele desmontava, desarmava a gente. Mas eu nunca briguei com ele, nunca, nunca, nunca.



### 13. *Nem quando criança?*

Não, nem com as artes dele. Até me admiro, hoje, irmãos que vivem brigando. Nós não! Ele era muito amigo, não só da nossa família mas também de outras pessoas também. E era assim, de uma humildade que ó!! Às vezes chegavam pessoas pra querer encher ele de desaforo e ele era aquela calma, ia explicando – ele era muito de filosofar – ia dizendo as coisas, e desarmava a pessoa. Era assim. Um irmão... bah, a gente sentiu muito a morte dele, né? Nunca que a gente esperava... Era um irmão muito amigo, pra todas as horas. Era amigo e a gente podia contar com ele.

Me recordo que nós fomos fazer uma excursão e foi a mulher dele que organizou com umas colegas do colégio, e nós chegamos em São Paulo – e SP tem muita loja com coisa boa – e a minha filha eu acho que tinha uns 14 anos e era muito indecisa pra comprar as coisas. Eu mostrava e ela dizia “não, não quero, mãe, não quero”, e ela começou a chorar e eu disse “te vira, então, escolhe o que tu quiser!”, daí eu saí pro outro lado. Veio ele, que era padrinho dela, e disse “o que foi, Claudinha?”, “a mãe não tem paciência comigo!”, “venha cá!”, abraçou ela – abraçava qualquer mulher – “olha aqui, olha aqui que bonito esse aqui, esse aqui serve pra você”, “é padrinho, eu quero!”. Pois ele foi indo e fez ela escolher. Eu que sou mulher não consegui e ele com aquela paciência... Ele era assim, duma paciência... e ela adorava esse padrinho dela. Sim, né? Porque ele tinha paciência com todo mundo!







[Catálogo do Projeto Passo Fundo  
www.projetopassofundo.com.br](http://www.projetopassofundo.com.br)



**Nascida no Rio de Janeiro, no final da década de 70, Fabíola Frosi foi “guria de apartamento” na primeira infância. Com a transferência da família para o Amazonas, em meados dos anos 80, viu a paisagem mudar drasticamente e as experiências transculturais se acumularem desde muito cedo. Com a família materna sendo gaúcha de Passo Fundo, a cidade era o destino certo das férias de verão. Mais tarde, na adolescência, já na década de 90, elegeu-a como sua. É onde casou e vive até hoje, com o marido e dois filhos gaúchos. Formada em Jornalismo, em 2004, pela Universidade de Passo Fundo, em suas pesquisas acadêmicas procurou unir duas paixões: a História e a Comunicação. Descobrir e contar histórias são prazeres que a acompanham desde sempre. Do Jornalismo, apreendeu a precisão e a busca pelos fatos. A sensibilidade e a curiosidade aguçadas são marcas de sua personalidade.**

# de corridas na Avenida

do trecho asfaltado, na  
entre as ruas Capitão Ara-  
bro, já está causando  
s moradores daquela ime-  
motoristas, passam com se-  
ta velocidade pondo em  
risco a vida não só deles mesmo como de  
pessoas que transitam por essa movimen-  
tada parte da cidade. É de bom aviso que  
quem uma  
dupla de Policiais PP para coibir os abu-  
sos de velocidade. O referido trecho passa  
em frente a sede do nosso jornal.

Quem fez História no Jornalismo Passofundense?

Edy Isaiás com certeza fez.

Na cidade, foi:

- O primeiro jornalista com diploma acadêmico de Jornalismo, ainda na década de 50;
- O primeiro negro na profissão;
- Responsável pela criação e implantação do primeiro curso de formação em comunicação – Redator Auxiliar, na Escola Cecy Leite Costa – descobrindo e lançando vários profissionais de destaque na área;
- Editor d'O Expresso Jornal – um periódico alternativo e popular, que marcou presença em sua época.

Esta é uma história que precisou ser investigada e contada para nunca ser esquecida.

Passeia pelas quase sete décadas em que viveu esta figura emblemática e simpática do “professor Edy” e, apesar de não esgotar sua biografia, traz luz sobre suas realizações que impulsionaram o Jornalismo em Passo Fundo e em toda região.

( Pag. 3 )

# PE Informa

[ Pag. 3 ]

ISBN 978-858326113-1



9

788583

261131



Portal

**Domínio Público**

Biblioteca digital desenvolvida em software livre



Projeto  
**Passo Fundo**  
Apoio à cultura